

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

LUCAS PEREIRA TIRELLI

DISPOSITIVOS MÓVEIS E TRANSFERIBILIDADE DISPOSICIONAL:
Retratos sociológicos de jovens do município de Alegrete-RS

PORTO ALEGRE

2019

LUCAS PEREIRA TIRELLI

DISPOSITIVOS MÓVEIS E TRANSFERIBILIDADE DISPOSICIONAL:
Retratos sociológicos de jovens do município de Alegrete-RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Gomes dos Anjos

PORTO ALEGRE

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Tirelli, Lucas Pereira
Dispositivos móveis e transferibilidade
disposicional: Retratos sociológicos de jovens do
município de Alegrete-RS / Lucas Pereira Tirelli. --
2019.
92 f.
Orientador: José Carlos Gomes dos Anjos.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia,
Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Dispositivo móvel. 2. Disposição -
Transferibilidade. 3. Memória - Informação. 4. Espaço.
5. Tempo. I. dos Anjos, José Carlos Gomes, orient.
II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Lucas Pereira Tirelli

DISPOSITIVOS MÓVEIS E TRANSFERIBILIDADE DISPOSICIONAL:
Retratos sociológicos de jovens do município de Alegrete-RS

Dissertação defendida para a obtenção do título de Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Data de aprovação: _____.

Banca examinadora:

Prof. Dr. José Carlos Gomes dos Anjos (Orientador) – PPGS/UFRGS

Prof. Dr. Adriano Premebida – PPGS/UFRGS

Prof. Dr. Enio Passiani – PPGS/UFRGS

Profa. Dra. Pâmela Marconatto Marques – NEAB/UFRGS

PORTO ALEGRE

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha namorada Débora e à minha irmã Flávia, pelo apoio. Assim como aos familiares e amigos pela compreensão.

Aos entrevistados, que se mostraram disponíveis e conscientes da importância do tema.

Ao meu orientador, professor José Carlos, por ter incentivado-me, em um primeiro momento, a cursar o mestrado.

À professora Chica, pela atenção e carinho, ao atender-me quando necessário.

Aos professores Enio, Pâmela e Adriano por prontamente aceitarem participar da minha banca de defesa.

Bem como ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS, ao que se incluem meus professores e colegas, por proporcionarem-me essa experiência de valor ímpar em minha vida.

“O presente é tão somente o grau mais contraído do passado;
a matéria, o grau mais distendido do presente.”

Deleuze

RESUMO

O presente trabalho trata do uso de dispositivos móveis, especialmente smartphones, por parte de adolescentes, residentes tanto no meio urbano quanto no meio rural do município de Alegrete, Rio Grande do Sul, Brasil. Como um estudo de casos múltiplos, através de entrevistas aprofundadas, em uma abordagem à escala individual, foram construídos retratos sociológicos que visem a demonstrar como operam os envolvimento dos indivíduos ao ponto de um acoplamento dos mesmos àquelas tecnologias, com a conformação de níveis e tipos de transferibilidade de disposições, operando modulações nas intensidades de atualização dos patrimônios disposicionais. Diante da consideração da diversidade de socializações em que os dispositivos móveis vêm a participar, foram contempladas questões de distensão espaço-temporal, amparadas em suportes mnemônicos digitais, onde formam-se interações dotadas de consideráveis interescalaridades, em dobraduras e mesmo fraturas relacionais, constituindo topologias fractais. O que incide sobre a compreensão que temos no que diz respeito à confluência entre disposições e contextos de ação, enquanto composição da realidade social.

Palavras-chave: Dispositivo móvel. Disposição. Transferibilidade. Memória. Informação. Espaço. Tempo. Atualização. Escala. Fractal.

ABSTRACT

The present work concerns about the use of mobile devices, especially smartphones, by adolescents living in both urban and rural areas of the city of Alegrete, Rio Grande do Sul, Brazil. As a multiple case study, through in-depth interviews, using an individual scale approach, sociological portraits were built to demonstrate how individuals' engagements operate to the point of their coupling with those technologies, with the conformation of levels and types of transferability of dispositions, operating modulations in the intensities of dispositional assets' actualization. Given the consideration of the diversity of socializations in which mobile devices come to participate, issues of spatiotemporal distension were considered, hold up by digital mnemonic supports, where interactions are formed with considerable interscalarities, in folding and even relational fractures, constituting fractal topologies. This focuses on our understanding of the confluence of dispositions and contexts of action, as a composition of social reality.

Keywords: Mobile device. Disposition. Transferability. Memory. Information. Space. Time. Actualization. Scale. Fractal.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Objetivos.....	14
1.2 Hipóteses.....	15
1.3 Método.....	16
2 DISPOSITIVOS MÓVEIS	19
3 ESPAÇO, TEMPO E MEMÓRIA	25
4 TRANSFERIBILIDADE DISPOSICIONAL	41
5 RETRATOS SOCIOLÓGICOS	54
5.1 VIKA.....	54
5.1.1 A fuga do virtual para o atual através da relação com o espaço.....	54
5.1.2 O celular como válvula de escape.....	58
5.1.3 O celular na escola.....	59
5.1.4 Temporalidade.....	61
5.1.5 A insônia e os pressentimentos.....	62
5.1.6 A felicidade.....	63
5.2 ENZO.....	66
5.2.1 Acesso à informação.....	66
5.2.2 A superação da gagueira.....	68
5.2.3 A caixinha de som e o celular na escola.....	70
5.2.4 Distração e desvio.....	72
5.2.5 Tempo e ambiente.....	74
5.3 PHANTON.....	76
5.3.1 O uso de dispositivos móveis na escola.....	76
5.3.2 Presença e interação.....	77
5.3.3 Espaço, tempo e memória.....	82
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	91
OBRAS CONSULTADAS	93

1 INTRODUÇÃO

Quando caminhávamos pelas ruas, antigamente, víamos com mais frequência as pessoas olhando para frente, ou ao longe, mirando seu ambiente. Direcionando sua atenção para os elementos que as cercavam ou para outras pessoas. Ou mesmo, quando distraídas, com o olhar perdido, vagando pelo espaço em seu próprio tempo. Atualmente é muito comum notarmos grande parte das pessoas olhando para baixo, não porque estejam cuidando onde pisam, recordando algo ou em algum exercício reflexivo, mas porque têm algum dispositivo diante de si, normalmente um telefone celular. Onde espiam o mundo através da sua janela, sua tela sensível ao toque, em que seus tatos ativam realidades as quais não podem tatear. O tato contata contextos que não tateia, aproximando o distante, mas mantendo-se, por assim dizer, distante em sua proximidade.

Olhamos para onde há interesse, ao que é-nos relevante focar a atenção e dispende nosso tempo. Porém, quando este algo é uma tecnologia de comunicação, há um sinal sonoro ou visual para chamar nossa atenção. Uma notificação produzida noutro local ou noutro espaço, que adentra o nosso próprio espaço de interação. Não será por alguma espontaneidade nossa que atenderemos um telefone ou responderemos uma mensagem, mas porque estes vieram a nós, algo foi emitido a nós.

O modo como recebemos isto é que dependerá da condição em que nos encontramos, onde estamos, com quem e o que fazendo. Que socialização estaremos vivendo naquele momento, será a condição de recepção de uma informação externa, como ela será absorvida, como sedimentará e o que potencialmente cultivará em nós.

Há pouco mais de 20 anos estas notificações ocorriam uma ou outra vez por dia e apenas em lugares fixos, como em casa, trabalho ou estabelecimentos comerciais. Na rua apenas por meio de telefones públicos, os orelhões, hoje abandonados, dados como obsoletos, apesar de não o serem. Podemos inclusive fazer ligações gratuitas para celulares através deles, embora seja difícil encontrá-los.

Em verdade sequer os procuramos mais, uma vez que há um dispositivo com essas funções no bolso de praticamente cada um de nós.

Salvo exceções, ao menos no meio urbano cada um de nós tem o poder de emitir ou receber mensagens ou ligações, conectar-se com outros contextos, a partir de qualquer contexto de socialização. Hoje, qualquer situação social está potencialmente conectada com âmbitos que ultrapassem seus horizontes materiais. Em praticamente qualquer local podemos entrar em contato com outros locais, termos acesso a uma gigantesca escala de informações ou simplesmente falarmos com outras pessoas.

Uma extensa variedade de situações sociais encontra-se virtualmente relacionada a outras situações, tendo como suporte, especialmente, a mobilidade comunicativa dos smartphones e da internet. E isto já se encontra tão disseminado que algumas pessoas chegam a incomodar-se diante da simples possibilidade de não terem seus dispositivos consigo a todo momento e em consequência não terem acesso à internet. De modo que esta conectividade tornou-se parte da trama da atualidade.

Contudo, pensarmos em termos de emissão e recepção não dá conta desta realidade, é preciso multiplicar os sentidos interativos para que possamos ao menos vislumbrar as dimensões que adquiriu esta interatividade. Este tipo de lógica é própria às tecnologias não digitais, portanto adequada à condição interativa que tínhamos até os anos 1990, quando a internet e os celulares passaram a fazer parte do nosso cotidiano e, principalmente, a partir dos anos 2000, quando a computação tornou-se móvel e vieram a nós os smartphones, dispositivos móveis dotados de alta capacidade de processamento e que não se resumem a meros telefones móveis. Como diz seu próprio nome, sua “inteligência” está justamente na sua complexidade, multiplicidade de funções e variedade de tarefas possíveis: fazer ligações, enviar mensagens, e-mails, postar em redes sociais, navegar em sites, ler e redigir documentos, mapas, além da enorme variedade de aplicativos existentes para operações bancárias, pedir carona, telentregas, encomendas, música, vídeos, filmes, jogos de videogame, etc. Esta convergência de funções em um mesmo dispositivo potencializa nosso agenciamento conjunto a ele, bem como nosso envolvimento com seu uso, e consequente acoplamento.

De modo que não seria este o caso de uma mídia do tipo massiva, como a televisão ou o rádio, das quais apenas recebemos informação, tampouco um tipo de emissão-recepção restrita, como um telefone fixo, é em verdade uma mídia pós-massiva e locativa. Ou seja, é não apenas receptora, nem apenas emissora, tampouco fixa. É móvel, emissora e receptora concomitantemente, portanto com capacidades interativas bem mais sutis e versáteis que os antigos telefones residenciais, computadores de mesa, bem como televisores e rádios. De certa forma, dispositivos móveis, como os smartphones, são todos esses aparelhos em um só, e ainda mais.

Por função massiva compreendemos um fluxo centralizado de informação, com o controle editorial do polo de emissão, por grandes empresas em processo de competição entre si, já que são financiadas pela publicidade (...) são centradas, na maioria dos casos, em um território geográfico nacional ou local. (...) As mídias de função pós-massiva, por sua vez, funcionam a partir de redes telemáticas em que qualquer um pode produzir informação, “liberando” o polo da emissão, sem necessariamente haver empresas e conglomerados econômicos por trás. As funções pós-massivas não competem entre si por verbas publicitárias e não estão centradas sobre um território específico, mas virtualmente sobre o planeta. (LEMOS, 2007, p. 124-125)

É necessário, assim, reconhecemos a instauração de uma dinâmica que reconfigura o espaço, o tempo e as práticas sociais, com a emergência destas redes telemáticas, em que a mobilidade informacional emerge diante de tipos de mobilidade pré-existentes, instaurando territórios informacionais na articulação de espaço-temporalidades distintas, portanto trazendo à tona uma nova mobilidade.

A primeira mobilidade é aquela que compreende o homem como um ser da locomoção, sendo que a cidade o transforma naquele que experimenta tudo pelo olhar, que vê tudo de fora. (...) A segunda mobilidade urbana é aquela da mobilidade social e do lugar de habitação. O habitante da cidade moderna se desloca constantemente e pode trocar de status e de papel social pela educação, pela profissionalização, pelo enriquecimento... A terceira é a que Simmel chama de mobilidade sem deslocamento, a mobilidade que cria uma massa (...) que nos faz aderir (...) uma quarta mobilidade, que é a mobilidade informacional, como uma capacidade cognitiva de deslizamento por bens simbólicos, por mensagens, por informações. (Ibid, p. 135)

Devemos considerar, assim, que a mobilidade dos smartphones e tablets, por exemplo, é não apenas um novo tipo de mobilidade, mas em certa medida também a incorporação das mobilidades antes existentes, na medida em que suas funções

dão conta de parte destes aspectos. A exemplo da possibilidade tanto de nos locomovermos pelo espaço material trazendo consigo o espaço informacional, como na primeira mobilidade citada acima; acompanhando-nos nas diversas socializações do nosso dia a dia, como na segunda mobilidade; tendo ainda características massivas, como em sites de notícias e buscadores. Conformando assim vários modos de atualização interativa, como veremos mais adiante, ao longo deste trabalho.

A ampla disseminação deste tipo de tecnologia móvel ocorre com grande intensidade. Atualmente, segundo o CIA World Factbook¹, estima-se que em 2017 havia mais de 7,8 bilhões de telefones celulares ativos no mundo, com uma população estimada em 7,5 bilhões. Ou seja, em média mais de um telefone por pessoa. Deste montante, 3,17 bilhões são usuários de internet. No Brasil, a estimativa da CIA é de mais de 236 milhões de telefones celulares, para uma população de cerca de 209 milhões de habitantes. Também ultrapassando a marca de um aparelho por indivíduo.

Diante deste fenômeno global, torna-se relevante pensarmos sobre o impacto deste tipo de interação nas relações sociais, enquanto estas sofram reconfigurações espaço-temporais, incidindo diretamente sobre as atualizações das práticas a nível inter e intraindividual, portanto em variadas escalas de agenciamento. Por conseguinte, inscrevendo sob novas modulações as incorporações que possam ser absorvidas e impressas em nós, na condição de nos utilizarmos com cada vez mais intensidade de dispositivos móveis no nosso dia a dia.

¹ Disponível em: <http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>. Acesso em: 08 ago. 2019.

1.1 Objetivos

Objetivo geral

Na esteira de uma sociologia à escala individual, cotejar como se dão as transferências de disposições em meios sociais tecnologizados, por meio de entrevistas aprofundadas, a fim de constituir retratos sociológicos de jovens no que diz respeito ao modo como os dispositivos móveis vêm a fazer parte das suas vidas, com eventuais influências aos seus patrimônios disposicionais.

Objetivos específicos

Contemplar questões contextuais, disposicionais, espaço-temporais e mnemônicas no que tange ao relacionamento de três jovens com as tecnologias móveis, especialmente smartphones, bem como caixas de som, fones de ouvido e eventualmente outras tecnologias. Sendo estes jovens da faixa de 15 a 16 anos - dois dos quais residentes na zona urbana, brancos, de classe média, e um residente na zona rural, também branco, de classe média baixa - do município de Alegrete, Rio Grande do Sul.² Assim, a partir de entrevistas propusemo-nos a construir retratos destes indivíduos, levando em consideração as hipóteses seguintes.

² Uma vez que este é o maior município do estado em extensão territorial, esta característica geográfica implicaria sobre as questões sociais supracitadas, de interesse ao presente trabalho.

1.2 Hipóteses

1. Há uma crescente transferibilidade de disposições entre contextos sociais por meio do uso de dispositivos móveis
 - 1.1. O uso destes dispositivos leva a certas atualizações disposicionais as quais não dependem necessariamente da localização do indivíduo no espaço
 - 1.2. É um uso que, enquanto móvel, mobiliza disposições, tanto no sentido de que as faz emergir quanto no sentido de modular suas condições espaço-temporais
2. A diferença de potencial entre o atual e o virtual condiciona o acoplamento entre agente e dispositivo móvel
 - 2.1. Esta diferença de potencial é proporcional à complexidade do dispositivo
 - 2.2. Quanto maior o acoplamento entre agente e dispositivo, maior a estabilidade da transferibilidade disposicional

1.3 Método

Ao considerarmos a emergência do fenômeno dos dispositivos móveis em sua penetração nos contextos sociais, com consequentes transformações nos patrimônios disposicionais, desenvolvemos uma pesquisa com estudo de casos múltiplos (YIN, 2015, p. 216 et seq.), tendo como unidades de análise três indivíduos adolescentes em seus usos daqueles dispositivos.

Levando em consideração este nicho, foram realizadas entrevistas com um roteiro básico de perguntas, o qual, no decorrer da interlocução, foi sendo adaptado a cada caso, com questões pertinentes à vida de cada jovem entrevistado.

Tendo em conta a afirmação de Lahire de que “quanto maior a variedade de exemplos, de situações, de mini relatos, mais provável o surgimento de contraexemplos que permitam encontrar os limites de atualização da disposição considerada, portanto, a transferibilidade é sempre relativa” (2004, p. 314) temos de considerar ao menos dois pontos principais.

Um de que a variedade de exemplos, de minúcias, altera o relevo do que é analisado, portanto aproxima a pesquisador das condições vividas pelo entrevistado, de modo que isto signifique uma dinâmica escalar, no sentido de se aumentar o zoom de um contexto. E, deste modo, aumentar a chance de se encontrar limites, inscrições mais profundas, que sirvam de circunscrições locais ao espaço de desdobramento e alcance das atualizações. Estes limites, que podem servir como circunscrições no sentido de limites práticos, o são obviamente relativos ao zoom que operamos na análise. Uma vez que o são proporcionais à escala de atualização que acessamos, isto é, à condição topológica analisada.

Estas condições topológicas, como veremos adiante, *na realidade* desdobram-se ao infinito, em dobraduras de extensão variável, como fractais. Entretanto, é a *atualidade*, enquanto âmbito perceptível da realidade, aquilo a que acessamos de um modo comunicável, no sentido de que toda comunicação é atual. Ou seja, a objetividade buscada encontra-se, ao menos em termos científicos, mais próxima do atual do que do real. De modo que, no encontro entre a atualidade do entrevistador com a atualidade do entrevistado, é que se explicitam atualizações em forma de dados.

O outro ponto é que a transferibilidade disposicional é relativa porque relativa a contextos específicos em que as disposições possam atuar. Com a inserção dos dispositivos móveis e sua ampla disseminação, torna-se consideravelmente comum que muitos dos contextos vividos pelos atores contenham este elemento, o qual propicia a expansão dos contextos em que se encontram, através do espaço informacional, a exemplo de publicações em redes sociais ou aplicativos de mensagens. Bem como por contextos externos adentrarem o respectivo contexto material de imbricamento indivíduo-dispositivo.

Por estes motivos, as disposições relacionadas aos dispositivos móveis têm suas transferibilidades menos relativizadas, uma vez que acompanhadas destes conformadores de contextos, os dispositivos. Fazendo com que, nestes casos, os horizontes de atualização disposicional desdobrem-se de um modo muito mais amplamente distribuído espaço-temporalmente do que em situações em que há a ausência de tais tecnologias.

O que ocasionou que as entrevistas tenham sido desdobradas fractalmente, no sentido de cada ponto de interesse desdobrar-se em pormenores, proporcionalmente à captação empírica respectiva aos mesmos, isto é, à densidade de informações nas falas dos entrevistados, ao que se incluem tanto seu conteúdo quanto eventuais brechas enunciativas, enquanto lacunas a serem preenchidas por novas sequências de questões. E são precisamente estes pormenores que conduzem a localização das perguntas ao longo da entrevista, como desencadeadores infinitesimais de ativação mnemônica (LAHIRE, 2002, p. 76) que, enquanto limiares heurísticos, fazem emergir narrativas a partir do acesso a durações internas aos entrevistados, respectivas a sedimentações disposicionais.

As perguntas foram emergindo e sendo posicionadas, ao longo da entrevista, de acordo com a indexação dada pelos entrevistados às situações narradas por eles (BAUER; GASKELL, 2002, p. 91 et seq.), estas funcionando como nós de relações ou simplesmente dobraduras estruturantes ao desdobramento da interlocução, a qual era retomada a uma direção determinada, por parte do entrevistador, quando de um período de silêncio aparentemente não reflexivo por parte dos entrevistados, enquanto sinais não verbais de que aquele trecho de fala havia chegado ao seu término. A mesma retomada de direção ocorria quando, nos momentos em que a

fala dos entrevistados adentrava minúcias que se desviassem demasiadamente da pergunta que a originou ou quando esses desvios não acessassem memórias de acontecimentos que poderiam ter uma relevância ao menos indiretamente relacionada aos objetivos da pesquisa.

Levando isto em conta, as perguntas nas entrevistas não possuíam uma ordem ou roteiro pré-definido, à exceção de algumas perguntas básicas, dispostas justamente para ativar os desdobramentos a outros possíveis questionamentos.

Dentre as perguntas básicas, incluem-se: Qual a importância da tecnologia na sua vida? Quais dispositivos móveis você se utiliza no dia a dia? Com que idade você ganhou seu primeiro celular (ou outro dispositivo)? Com que frequência utiliza este dispositivo? De que modo o utiliza? O dispositivo influencia de alguma forma na sua relação com espaço ou com o tempo? É permitido utilizá-lo no ambiente escolar? De que modo os dispositivos móveis participam da sua vida social?

Levando a perguntas secundárias como: Quais dispositivos você mais utiliza e em que situações? Quantos celulares você já teve? Há diferença no seu uso de celulares mais antigos em relação aos mais atuais? Em que situações você não utiliza o dispositivo? Que tipos de uso são permitidos no ambiente escolar? Os celulares são importantes para sua vida social?

2 DISPOSITIVOS MÓVEIS

A noção de dispositivo encontra em Foucault uma convergência de sentidos e significados. Este autor atribuía a palavra “episteme” para dispositivos discursivos, posteriormente é a própria palavra “dispositivo” que vem a utilizar para designar, além de discursos, práticas e instituições (CASTRO, 2016, p. 124). Segundo Agamben, dispositivo

- a. É um conjunto heterogêneo, linguístico e não linguístico, que inclui virtualmente qualquer coisa no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de polícia, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos.
- b. O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder.
- c. Como tal, resulta do cruzamento de relações de poder e de relações de saber. (AGAMBEN, 2009, p. 29)

E segue, demonstrando a origem da concepção foucaultiana a partir de outros pensadores, como Hegel:

É um termo geral, que tem a mesma amplitude que, segundo Hyppolite, a "positividade" tem para o jovem Hegel e, na estratégia de Foucault, este vem ocupar o lugar daqueles que ele define criticamente como "os universais" (*les universaux*). Foucault, como sabem, sempre recusou a se ocupar daquelas categorias gerais ou entes da razão que chama de "os universais", como o Estado, a Soberania, a Lei, o Poder. Mas isso não significa que não haja, no seu pensamento, conceitos operativos de caráter geral. Os dispositivos são precisamente o que na estratégia foucaultiana toma o lugar dos universais: não simplesmente esta ou aquela medida de segurança, esta ou aquela tecnologia do poder, e nem mesmo uma maioria obtida por abstração: antes, como dizia na entrevista de 1977, “a rede (*le réseau*) que se estabelece entre estes elementos”. (Ibid, p. 33)

E Heidegger:

(...) os dispositivos foucaultianos adquirem uma importância ainda mais decisiva, em um contexto em que estes se cruzam não somente com a "positividade" do jovem Hegel, mas também com a *Gestell* do último Heidegger, cuja etimologia é análoga àquela da *dis-positio*, *dis-ponere* (o alemão *stellen* corresponde ao latim *ponere*). Quando Heidegger, em *Die technik und die kehre* (*A técnica e a volta*), escreve que *Ge-stell* significa comumente "aparato" (*Gerät*), mas que ele entende com este termo "o recolher-se daquele (dis)por (*Stellen*),

que dis(põe) do homem, isto é, exige dele o desvelamento do real sobre o modo de ordenar (*Bestellen*)", a proximidade deste termo com a *dispositio* dos teólogos e com os dispositivos foucaultianos é evidente. Comum a todos esses termos é a referência a uma *oikonomia*, isto é, a um conjunto de práxis, de saberes, de medidas, de instituições cujo objetivo é de administrar, governar, controlar e orientar, em um sentido em que se supõe útil, os comportamentos, os gestos e os pensamentos dos homens. (Ibid, p. 38-39)

Ao considerarmos estas concepções, temos que o dispositivo é um modo de ordenar, de por a realidade de modo positivo, enquanto uma dispositividade. Isto é, uma positividade em grande parte controlável: uma realidade posta. O dispositivo é, assim, um modo de *regulação* da realidade, por conseguinte de produção de realidade social. Um modo de acumulação, reprodução e distribuição de possibilidades de ação. Ou, nas palavras de Agamben, o "dispositivo é, na realidade, antes de tudo, uma máquina que produz subjetivações" (Ibid, p. 39).

Diante do fato de que, para Foucault, os dispositivos tomam o lugar dos universais, uma vez que cumprem funções gerais de regulação social, estas mesmas funções adquirem certa ubiquidade quando incorporadas, em vários dos seus aspectos, em tecnologias móveis, que venham a acompanhar os indivíduos em suas variadas práticas e diversidade de situações. Sendo a internet o análogo da rede estabelecida entre os elementos. Ou seja, na medida em que os dispositivos móveis incorporam variadas funções de dispositividade enquanto alocação de positivities, por meio de suas variadas funções, como comunicação, localização, prestação de serviços, inúmeras possibilidades multimídia etc, estes aparelhos convergem em si múltiplos limiares estruturantes, como um resultado da evolução de dispositivos em geral.

Os limiares foucaultianos ajudam-nos a compreender esta convergência estrutural encarnada nos dispositivos móveis (FOUCAULT, 2008, p. 208 et seq.). A saber, o limiar de positividade enquanto autonomia dispositiva, amparado em um sistema de enunciados, que vem a ser neste caso um sistema de algoritmos de programação; o limiar de epistemologização, enquanto modelos de design e de variadas engenharias que possibilitam a construção do aparelho eletrônico, portando-o de possibilidades de interatividade por interfaces específicas, como a tela por toque (touchscreen); limiar de cientificidade, como propriamente critérios formais de funcionamento técnico e tecnológico com fins práticos; e o limiar de formalização

que axiomatiza os discursos empregados na construção desta tecnologia e que fundamenta epistemologicamente, desde princípios lógico-matemáticos, a produção de um dispositivo capaz de funcionar em praticamente qualquer lugar. Dotado de considerável autonomia, em vias das suas intrínsecas automaticidades, e projetado de uma forma que propicie sua fácil utilização e eventual intimidade prática, na medida em que é inserido em uma miríade de práticas no nosso cotidiano, tanto em termos profissionais quanto pessoais, de modo público ou privado.

Assumindo-se, assim, estes limiares como não apenas discursivos, mas como propriedades de realidades não discursivas, temos de fato a evolução dos dispositivos para tecnologias de viés prático, sem ancoragem a um espaço material em específico, construídas em pequena escala – ao ponto de caberem na palma da mão – e com alcances interativos de grande escala, tanto espacial no sentido comunicativo, quanto temporal, enquanto estabilidade informacional que perdura no âmbito virtual da internet. De modo que os dispositivos móveis comportem em si âmbitos discursivos, não discursivos, bem como cursivos, enquanto condicionem o entalhe dos cursos interativos. Vindo a compor atratores de relações, enquanto centros de envolvimento, ao convergirem práticas, adensificarem interações e assim potencializarem ações a elas acopladas. Estas convergência, adensificação e potencialização compõem uma intensificação da virtualidade das ações relacionadas aos dispositivos móveis, na medida em que suas positivities inevitavelmente dispositivam as condições sociais em que permeiam, isto é, ao passo que alteram os sentidos interativos a elas respectivos.

O posicionamento enquanto alocamento de condições interativas em um mesmo ente, como o dispositivo móvel, é já uma rearticulação de forças, enquanto virtualização. Do latim “virtus”, que significa “força”, a virtualização compõe novas distensões e intensificações ao que se encontra em vias de ser atualizado, de realizar-se a partir de uma gama de possibilidades de ação. É o caso de uma alteração topológica na realidade social que vem a constituir novos relevos às práticas associadas, afetando o modo como os contextos se transformam, assim como o modo como absorvemos estas transformações, incorporando-as.

Esta topologia pode ser inicialmente compreendida a partir dos modos de ser atual, virtual, real e possível. O atual diz respeito ao que se efetiva, que se encontra

acessível objetiva ou subjetivamente. O virtual é uma distensão que se dá sobre o atual, na medida em que o dispõe para além do seu locus espaço-temporal. O possível é uma projeção, a partir do real, que não necessariamente se realiza. E o real é o que se encontra realizado enquanto acontecimento. Por conseguinte, temos o real análogo ao atual e o possível análogo ao virtual. Com oposição entre real e possível e entre atual e virtual. Diga-se de passagem, não uma oposição dicotômica, mas entre polos interativos em níveis variáveis de reciprocidade, proporcionalmente às condições interativas de um determinado contexto. Variabilidade a qual se dá como diferença de potencial. Sendo o virtual e o possível com maior potencial que, respectivamente, o atual e o real. Na medida em que o polo atual-real, enquanto efetivados ontologicamente, sofrem retrações, isto é, tornam-se passado, uma vez que foram parte efetiva do presente. Já o polo virtual-possível não necessariamente vem a ser parte do passado, sendo projeções do presente e não o presente propriamente dito enquanto atualidade-realidade.

No caso dos dispositivos móveis, sua inerente convergência de funções e consequente mobilidade configuram distensões espaço-temporais que aumentam seus potenciais de agenciamento, enquanto virtualizações. O que leva à intensificação da diferença de potencial entre os indivíduos e aqueles dispositivos. E é nesta diferença, em que confluem limiares de estruturação, que ocorre uma incidência maior de dobras e mesmo fraturas topológicas, a ocasionarem fractalizações.

Há níveis de virtualização, proporcionalmente à complexidade do objeto ou da ação. A escrita é uma virtualização da comunicação, que é atualizada por meio da leitura. Já a roda, uma virtualização do andar, atualizada quando nos utilizamos dela. O martelo uma virtualização do bater, e assim por diante. Cada instrumentalização, com vistas a um objetivo, contém em si uma finalidade específica de potencializar um ato, de tornar mais potente uma atualização. A exemplo do martelo, que é mais eficiente para bater do que nossas mãos o são.

De onde vêm as ferramentas? Primeiro, uma função física ou mental dos seres vivos (bater, pegar, caminhar, voar, calcular) é identificada. Depois (...) elas são separadas, ao mesmo tempo, de uma experiência interior, subjetiva. A função abstrata é materializada sob outras formas que não o gesto habitual. O corpo nu é substituído por dispositivos híbridos, outros suportes: o martelo para a batida; a

armadilha, o anzol ou a rede para a captura; a roda para o andar; o balão inflado de ar, as asas de avião ou as pás de helicóptero para o voo; o ábaco ou a régua de cálculo para as operações matemáticas... Graças a essa materialização, o privado torna-se público, partilhado. O que era indissociável de uma imediatidade subjetiva, de uma interioridade orgânica, agora passou por inteiro ou em parte ao exterior, para um objeto. Mas, por uma espécie de espiral dialética, a exterioridade técnica muitas vezes só ganha eficácia se for internalizada de novo. A fim de utilizar uma ferramenta, deve-se aprender gestos, adquirir reflexos, recompor uma identidade mental e física. (LÉVY, 2005, p. 49)

É justamente nesta dialética que se formam as disposições, como uma série de posicionamentos de experiências vividas que se sobrepõem, dobram-se e mesclam-se umas às outras, vindo a ser inscritas, de variadas formas, na interioridade do sujeito. Quanto maior a diferença de potencial entre uma disposição e um contexto ou objeto, mais forte é a virtualização disposicional, portanto mais intensamente ela pode vir a atualizar-se por influência do contexto ou do objeto, e mais marcante vem a ser a inscrição sofrida por aquela experiência enquanto uma incorporação.

Na medida em que vários objetivos são sobrepostos e combinados enquanto várias instrumentalidades, com funções determinadas, no mesmo ente, podemos considerar que os dispositivos móveis não são meros objetos. Sua complexidade, alta densidade informacional, capacidade computacional, mobilidade e inúmeras virtualizações compõem dispositividades como sendo análogas a disposições. O que o dispositivo incorpora, seja desde sua fabricação, seja por download ou atualização de aplicativos, por exemplo, forma suas dispositividades. Suas funções são assim, neste sentido, disposições do dispositivo, ou seja, dispositividades.

Ao lembrarmos dos limiares foucaultianos, encarnados na escala dispositiva, é notável a relativa autonomia que têm tais dispositivos, modificando seus softwares em atualizações automáticas, aprimorando suas funções em operações cada vez mais complexas e sofisticadas, adequando-se às demandas de dados da internet, ou seja, a eventuais modificações no espaço informacional. Bem como às necessidades práticas de seus usuários.

Diante da complexidade deste ente, enquanto um objeto extremamente desenvolvido, com a convergência de muitas ciências, saberes e práticas, temos uma diferença de potencial ainda mais incisiva em relação às disposições, às ações

em interação com ele. Condicionando um envolvimento indivíduo-dispositivo ao nível de um acoplamento, o qual intensificado pela continuidade deste acoplamento, constituindo um imbricamento de atualizações entre o patrimônio disposicional e o dispositivo, em meio à multiplicidade dos seus contextos de ocorrência.

É este o caso de uma condição social que conflui em uma intrincada topologia relacional, no entrelaçamento entre o espaço material e o espaço informacional, enquanto espaço interativo, servindo de território a novas dinâmicas respectivas à memória e ao tempo, ao incidirem sobre o presente vivido.

3 ESPAÇO, TEMPO E MEMÓRIA

Ao considerarmos que apenas o presente existe, o passado e o futuro seriam representações que formamos a partir do presente. Não ambos como representações de mesmo caráter, embora ambos virtuais enquanto acesso. O passado acessível virtualmente enquanto memória, com variações intensivas e extensivas próprias às vicissitudes duracionais. E o futuro, mesmo pensado como ao nosso alcance, de fato não o é, pois totalmente aberto. Seu caráter projetivo oscila entre o virtual e o possível, justamente pelo fato de não ser redutível à força alguma, como seria uma virtualidade propriamente dita. Como maior proximidade para com o presente, temos o provável enquanto futuro de curto prazo. Restando, ao futuro de longo prazo, o possível: possibilidades meramente esboçadas e consideravelmente borradas (LAHIRE, 2002, p. 152 et seq.).

Ontologicamente, o passado é mais real que o futuro, uma vez que o representamos a partir de acontecimentos e não apenas a partir da imaginação, bem como pelo fato de o passado ter sido atual, algo impossível ao futuro. Entretanto, é o presente, enquanto realidade empírica do acontecer, que dimensiona tanto o passado quanto o futuro.

O passado e o futuro não designam instantes, distintos de um instante supostamente presente, mas as *dimensões* do próprio presente, na medida em que ele contrai os instantes. O presente não tem de sair de si para ir do passado ao futuro. O presente vivo vai, pois, do passado ao futuro que ele constitui no tempo. (DELEUZE, 1999, p. 75-76, grifo meu)

Pois é o incorporar, enquanto presença, o princípio empírico potencialmente reflexivo, capaz de dimensionar tanto o incorporado quanto o em vias de incorporação. É o caráter empírico do presente que amarra passado e futuro.

O passado é não apenas mais real que o futuro, mas mantém-se conectado com o presente, ele coexiste com o presente, produzindo-o enquanto torna-se presente. O passado produz o presente na medida em que se torna ele. E ele, o presente, dimensiona o passado, pois dá forma a ele, ao passo das inscrições que opera. O modo de inscrição do presente para si mesmo é já o modo de formação e manutenção do passado.

(...) se o passado coexiste com seu próprio presente, e se ele coexiste consigo em diversos níveis de contração, devemos reconhecer que o próprio presente é somente o mais contraído nível do passado (Ibid, p. 58)

Esta contração que é o presente não significa que ele seja necessariamente de pouca espessura, significa sim que o presente contém em si o passado, incorporado nele. Quando mais incorporamos o passado, mais o presente acumula-se sobre si, mais memória possui e mais intensifica-se, no sentido de possuir mais informação acessível e, conseqüentemente, intensificar nossa própria relação com a memória.

Objetivamente, incorporamos mais o passado do que antigamente, enquanto os dispositivos dispõem a nós o tempo passado, acessível através de espaços comprimidos, adensificados digitalmente. E esta densidade informacional tem implicações sobre nós mesmos enquanto leitores da realidade, em interação com um passado, neste sentido, cada vez mais próximo do presente.

Um dos motivos de algumas pessoas sentirem o tempo passar de modo diferente quando lidam com dispositivos móveis é em razão da quantidade de informação com que interagem. Lembrando da segunda lei da termodinâmica, a entropia³ sempre tende a aumentar (PRIGOGINE, 1988, p. 31 et seq.) e este aumento significa a dissipação de informação, enquanto uma impossibilidade de revertermos um processo que está, assim, além do nosso alcance: o processo do ambiente informacional que nos envolve e só faz crescer. Por outro lado, há uma queda de entropia no que tange ao armazenamento de dados enquanto um tipo de organização do passado.

É justamente a diferença entre a queda vertiginosa de entropia informacional, nos dispositivos e na internet com o aumento agudo de armazenamento de dados, em contraste tanto com ambientes não dotados destas características quanto com nós mesmos, que constitui esta fronteira interativa como diferença de intensidades que criam este domínio empírico. Onde a quantidade acessível de informação, disponível a nós computacionalmente, por sua própria densidade e complexidade,

³ Do grego “en” (na) e “tropicós” (mudança), a entropia é um processo que contempla justamente o que seria o funcionamento da mudança, uma vez que, enquanto conceito, busca esclarecer as relações *ativas* durante a transformação da realidade.

produz uma fronteira entrópica, cuja configuração instaura um centro de envolvimento interativo.

(...) na medida em que todo fenômeno encontra sua razão numa diferença de intensidade que o enquadra como bordas entre as quais ele fulgura, dizemos que os sistemas complexos tendem cada vez mais a interiorizar suas diferenças constituintes: os centros de envolvimento procedem a esta interiorização dos fatores individuantes. (...) Estes centros não são os próprios fatores intensivos individuantes; mas eles são os representantes destes num conjunto complexo (...) que constituem as ilhotas, as elevações locais de entropia (DELEUZE, 1968, p. 241-242)

De modo que a elevação de entropia enquanto dissipação da informação/energia, neste caso, se dá pela passagem da informação diante dos indivíduos, constituindo uma interação. Como isto funciona? Em primeiro lugar, esta é uma dissipação relativa, sua relatividade repousa justamente entre como nós mesmos processamos as informações e como os dispositivos o fazem. Apesar de nossa capacidade de processamento de dados ser maior que a de um dispositivo computacional, como um dispositivo móvel, estes são mais estáveis neste quesito. Possuem memória muito mais estável que a nossa, exatamente por ser uma memória objetiva, extremamente objetivada: cada vez que acessamos um arquivo ele é exatamente o mesmo de quando foi registrado; porém, cada vez que acessamos uma memória, em nós mesmos, ela altera-se minimamente, seja por associação - a outras memórias, fatos presentes ou imaginações - seja porque o simples ato de acessarmos nossa memória já a altera. O acessar instaura e fortalece vias de acesso, as quais se tornam vias comuns de acesso⁴, motivo pelo qual quanto mais recordamos de algo menos o esquecemos. Apesar deste recordar, repetidamente, colaborar para o não esquecimento de fatos, portanto para a estabilização do acesso à memória, há a instabilidade respectiva às associações que vão sendo criadas na conexão - seja cronológica ou imaginativa - com a memória. Fato não ocorrente na memória computacional a qual é, neste sentido,

⁴ Uma metáfora ajuda a visualizarmos este processo. Basta imaginarmos uma trilha em uma mata, que conduz a um destino determinado. Quanto mais passamos por ela, mais ela é marcada e mais a vegetação enfraquece. Depois de um tempo, ela se torna uma pequena estrada, a qual pode ser melhorada com o depósito de sedimentos a fim de possibilitar a passagem de veículos adequados àquele terreno. Enfim, o trânsito intensificado, pela própria possibilidade de por ali se trafegar, leva ao asfaltamento daquela via. Podendo, a partir deste momento, qualquer veículo utilizá-la. Ou seja, o acesso foi reforçado e facilitado pelo uso, ao ponto de tornar-se uma via de rápida transição de um destino ao outro, de um contexto ao outro, tornando duas localidades mais sincronizadas e proporcionando uma atualização recíproca entre elas.

fechada em si mesma. Portanto, em síntese, o que se estabiliza na memória subjetiva é o acesso a ela, enquanto na memória objetiva é o próprio *registro* que é estabilizado.

Em segundo lugar, a relatividade entre as memórias subjetiva e objetiva, em termos de dinâmica, repousa justamente na diferença de intensidade entre elas. A memória computacional, por sua estabilidade, possui maior intensidade, dada sua objetividade. Ela mantém-se com a mesma atualidade, não há alterações automáticas em seus arquivos⁵. Já a nossa memória está em recorrente atualização com o presente, sempre se transformando, e ganhando estabilidade por sua abertura característica, pelas conexões que opera enquanto acessos, e não por manter-se fechada e inalterada como a memória dos dispositivos.

Em terceiro, esta diferença entre ambas as memórias constitui uma diferença de potencial notável pelo envolvimento indivíduo-dispositivo em contraste com outras reciprocidades, como com outros objetos. A interface entre indivíduo e dispositivo conforma um contexto próprio, instaurando um horizonte interativo. Onde, de um lado está o contexto de acoplamento tecnológico e, de outro, o ambiente circundante.

A questão entrópica interativa pode ser compreendida ao considerarmos a quantidade de informação processada nos dispositivos, acessada através de aplicativos, e o modo como nos envolvemos com os últimos.⁶ Sendo incapazes de processar toda a informação que temos disponível, acabamos por ser conduzidos por aquele meio dotado de uma escala informacional não natural ao nosso suporte

⁵ Apesar de manter-se com a mesma atualidade, a memória dos dispositivos está no âmbito virtual, pois é energética e não material. Possui, em si, uma atualidade exclusiva a este âmbito. O que se compreende ao lembrarmos que o virtual digital é real, mas suas atualizações não se dão como aquelas do mundo material, pois não estão propensas às mesmas modificações pela passagem do tempo. Estão em grande parte livres da entropia, pois suas informações não se dissipam com a mesma facilidade que aquelas aderentes à matéria.

⁶ Talvez também seja o caso de que ocorra uma certa preguiça humana, no sentido de que no nosso envolvimento com os dispositivos ficamos mal-acostumados com a comodidade de armazenarmos memórias neles, sem precisarmos nos esforçar para lembrarmos das coisas, na medida em que os próprios dispositivos executam esta tarefa. Ou seja, as capacidades computacionais condicionam-nos a termos uma relação mais objetiva com nossa própria memória, deixando de exercitá-la no sentido do lembrar, do recordar como o exercer de um inscrever da nossa própria história em nós mesmos. O que conduz a um maior contraste entre a memória tecnológica e a memória corpórea, intensificando suas diferenças de potencial atualizador, que incidem, novamente, sobre nosso acoplamento e imersão, sobre nosso envolvimento com os dispositivos móveis em uma condição de certa dependência.

corpóreo. Assim, experienciamos nestas ocasiões uma temporalidade distinta daquela sem estas tecnologias.

Isto é, apesar da estabilidade dos dados nos dispositivos e na internet, a escala destes dados opera sobre nós sem nos darmos por conta, como um campo de possibilidades do qual captamos apenas uma pequena fração. Como se, em termos práticos, estas possibilidades se dissipassem diante de nós, no sentido de que não podemos alcançá-las ou acompanhá-las em suas atualizações. Uma vez que a própria estabilidade mnemônica digital propicia a aceleração do fluxo informacional, que se deposita sobre si e sobre nossa própria realidade como camadas de informação.

Esta forma de nos envolvermos com o fluxo informacional é análoga à transformação da própria matéria ao longo do tempo: por mais que possamos manipular a informação e torná-la estável, como estradas sinalizadas e bem asfaltadas, não podemos evitar o tráfego crescente nas mesmas, seus congestionamentos e acidentes, tampouco nossa dificuldade em atravessá-las. Ao mesmo tempo em que elas propiciam uma atualidade mais distribuída em termos de informação, acabam por funcionar como uma barreira que resiste e com a qual não sabemos lidar. Desvia-nos, desfoca-nos de outras realidades, na medida em que exige-nos um *foco intenso* nela mesma.

Mesmo nos casos em que os dispositivos são utilizados para uma relação direta com o ambiente circundante, como ao tirarmos fotos ou filmarmos algo, por exemplo, ainda resta a barreira da interface. No caso dos dispositivos móveis, a interface é justamente sua tela ativada por toque, o touchscreen. Como uma dobra extra sobre a experiência espaço-temporal, uma dobra ontológica, a camada informacional adere ao espaço-tempo das ações, de forma a incorporarmos aquelas experiências como que por um filtro, precisamente através daquela janela interativa que é a tela de um dispositivo. Shows de música são um bom exemplo destes casos. Vemos multidões de braços erguidos, com seus celulares apontados para o palco registrando aqueles momentos. Muitos deixam de apreciar o próprio show, mesmo estando lá, ao vivo, para acessarem aquele acontecimento através da câmera do seu celular. Não são os olhos que veem o músico, é o aplicativo da câmera que apresenta o show aos olhos. O músico é captado pela câmera e a

câmera é captada pelos olhos. Ocorrendo um desvio próprio da diferença de potencial de agenciamento, diante da concomitância entre contextos informacionais e materiais.

Ao mesmo tempo em que se dá uma diferença de potencial entre espaço material e espaço informacional, analogamente à diferença de potencial entre indivíduo e dispositivo, assim como entre os âmbitos atual e virtual, é justamente nesta diferença que se dá a formação de uma nova corrente, com influxo próprio, a saber, a imersão do indivíduo na prática de utilizar o dispositivo. *Quanto maior o influxo informacional, no sentido de uma maior imersão do indivíduo naquela prática, mais dobrado é o espaço e mais estas dobras intensificam a atualização de disposições, na medida em que as dobras constituem já linhas de força de atualização.*

As dobras são já oscilação de potencial, correntes de fluxos moleculares que condicionam os processos de espacialização e temporalização. E é justamente a constituição de linhas de força de atualização disposicional o que mais altera as disposições, compondo-as em suas formas e conteúdos, e nas suas relações com os contextos em que se expressam. Pela via da continuidade ou da repetição de ações, há condições favoráveis para a instauração de tais fluxos atualizadores.

A frequência de uso de um mesmo dispositivo engendra repetições. Embora cada ação não seja exatamente igual à precedente, suas similitudes sobrepõem-se cristalizando-se disposicionalmente. Aliás, o próprio fato de não se poder repetir uma ação como idêntica à outra já significa que suas posições no patrimônio de incorporações não são exatamente as mesmas. Por serem sedimentações semelhantes, acomodam-se mais ou menos no mesmo local, com profundidade e extensão semelhantes na memória. De modo que se põem em uma distribuição, dispõem-se neste território mnemônico umas às outras. Assim, *ao longo do tempo, o posicional vem a ser dis-posicional*. Esta cristalização das posições das experiências na memória como disposições são análogas à, de fato, a formação de cristais: atraem elementos semelhantes em uma tendência a repetirem suas configurações estruturais, isto é, a estruturarem-se de modo a potencializarem sua própria ativação. E, ainda, o acesso que operamos a tais disposições também possui uma analogia cristalográfica: dependendo da perspectiva em que olhamos, como

iluminamos reflexivamente uma disposição ou como uma disposição é, por assim dizer, iluminada pelo contexto, evidencia-se um ou outro aspecto dela. Ocorrem, deste modo, refrações na própria operação de acesso às disposições, especialmente em operações mais reflexivas, cuja dinâmica é maior.

Bergson já acenava para este fator reflexivo, quando afirmava que:

A memória integral responde ao apelo de um estado presente através de dois movimentos simultâneos, um de translação, pelo qual ela se dirige por inteiro ao encontro da experiência e se contrai mais ou menos, sem se dividir, *em vista da ação*, o outro de rotação sobre si mesma, pelo qual se *orienta para a situação do momento* a fim de apresentar-lhe a face mais útil. A esses diversos graus de contração correspondem as formas variadas de *associação por semelhança*. (BERGSON, 1999, p. 197-198, grifos meus)

Vygotski, quando discorria sobre o aprendizado, também considerava tal arquitetura de incorporações através de repetições:

(...) ações, quando repetidas, acumulam-se, umas sobre as outras sobrepondo-se como numa fotografia de exposição múltipla; os traços comuns tornam-se nítidos e as diferenças tornam-se borradas. O resultado é a cristalização de um esquema, um princípio definido de atividade (...) um esquema cumulativo refinado de todas as ações similares, ao mesmo tempo (...) constituem um plano preliminar para vários tipos possíveis de ação a se realizarem no futuro. (VYGOTSKI, 1991, p. 18)

A acumulação é proporcional à repetição de ações que, internalizadas, dobram-se e comprimem-se, inscrevendo no indivíduo suas próprias experiências. E estas acumulações internas são condicionadas pelos contextos em seus relevos de relações, isto é, as acumulações internas são condicionadas pelas acumulações externas, pelas inscrições que estão disponíveis no ambiente em que ocorre a experiência dos sujeitos em seus processos de subjetivação. Com a tecnologia, o que se encontra inscrito no mundo é um montante gigantesco de informações.

Segundo a Forbes (MARR, 2015), desde 2003 a quantidade de informações armazenadas em computadores *a cada dois anos* é maior do que toda a informação armazenada até então *na história da humanidade*.

Seja nas mentes, através de processos mnemotécnicos, no bronze ou na argila pela arte do ferreiro ou do oleiro, seja sobre o papiro do escriba ou o pergaminho do copista, as inscrições de todos os tipos — e em primeiro lugar a própria escrita — desempenham o papel de travas de irreversibilidade. Obrigam o tempo a passar em apenas um

sentido; produzem história, ou melhor, *várias* histórias com ritmos diversos. Uma organização social pode ser considerada como um dispositivo gigantesco servindo para reter formas, para selecionar e acumular as novidades, contanto que nesta organização sejam incluídas todas as técnicas e todas as conexões com o ecossistema físico-biológico que a fazem viver. (LÉVY, 1993, p. 46)

Enquanto um dia nosso corpo foi o único suporte para a memória, como em sociedades orais primárias, hoje o principal suporte mnemônico se dá computacionalmente. Esta transferência de suporte garante que possamos acessar memórias objetivas cada vez mais completas, por assim dizer, como por arquivos multimídia, que chegam ao ponto de simular parcialmente aquilo que nós ou outrem vivemos anteriormente. Este passado, disposto diante de nós como presente, incide diretamente sobre a formação do nosso próprio presente. Incide sobre como recebemos esses contextos, portanto como evoluem nossas práticas. Em outras palavras, como armazenamos subjetivamente o que se encontra armazenado objetivamente é o modo em que se dá o dobramento de contextos em disposições e destas enquanto composição do nosso patrimônio disposicional. Por conseguinte, o modo de desdobramento destas flexões e reflexões disposicionais, em forma de ações, constitui o conteúdo de nossas práticas.

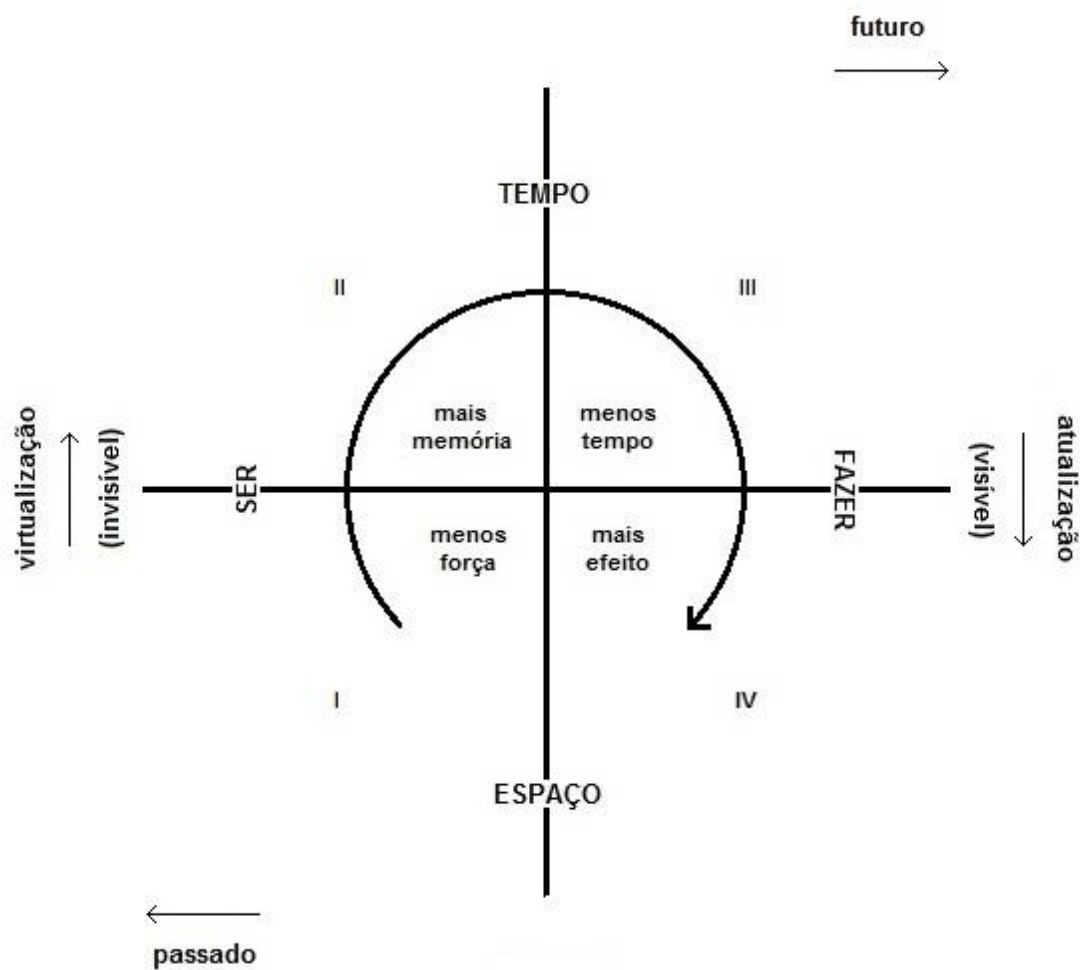
Retomando o argumento de Deleuze, agora com outra formulação, “(...) o presente é tão somente o grau mais contraído do passado; a matéria, o grau mais distendido do presente” (1999, p. 59), não significa que o presente é menos importante que o passado. Apesar de a memória ser o passado incorporado e estar sempre potencialmente ativa em forma de disposições, os contextos em que as mesmas se inserem enquanto presente são fatores agudamente condicionantes. Agudez própria ao atual, que se dá como atualidade e se desdobra por atualizações. Quanto mais aguda uma atualização mais ela é, neste sentido, comprimida, e potencialmente inscrita com maior profundidade nas disposições. De modo que o presente *ganhe relevância* em contextualizações que tendam a transformá-lo mais incisivamente.

Ao considerarmos contextos tecnologizados, como de acoplamento a dispositivos móveis, há uma frequente atualização interativa no uso dos mesmos, na medida em que este tipo de interação seja embebido de uma densidade considerável de memórias, especialmente aquelas armazenadas digitalmente.

Enquanto alguém tenha disponível diante de si esta grande quantidade de informações, seja no dispositivo de que se utiliza, seja na própria internet, é evidente que suas ações, executadas neste acoplamento, constituam um relevo de relações a se distender para além do contexto aparente em que se encontram enquanto espaço material, proporcionando que outros contextos participem do primeiro. Portanto, que espaços diferentes interajam no mesmo lugar, reconfigurando o presente ali vivido.

O relevo da atualidade, por sua densidade interativa no acoplamento tecnológico, configura um terreno com mais dobras, como que numa geologia espaço-temporal. É nesta movimentação do solo das práticas sociais, a diferenciar seus cursos, inserindo mobilidade informacional aos mesmos, na composição de um espaço social como imbricamento de espaço material com espaço informacional, que é tecida a atualidade. Onde sua importância crescente em relação ao seu próprio passado deve-se a este acúmulo do presente sobre si, em camadas e dobras que se dispõem e sobrepõem com transformações inerentes. E que nos levam a considerar que a contração do presente, por mais intensa que seja em relação ao passado, pode vir a significar uma expansão dos horizontes do presente, uma *expansão sincrônica* tanto espaço-temporalmente quanto na amplitude escalar em que o mesmo se desdobra. Onde acessamos mais espaço em menos tempo, com mais recursos mnemônicos e menos esforço para tanto.

Como já dizia Michel de Certeau "*tanto mais presente quanto menos visível*" (CERTEAU, 1998, p. 159) quando se referia à invisibilidade do ser diante da visibilidade do fazer: enquanto o ser corresponda ao caráter existencial do incorporado e o fazer à atividade do mesmo, à medida que quanto mais memória há menos tempo é necessário para se executar uma ação específica. O que significa que *quanto mais desenvolvida/ativa uma disposição, menos esforço é necessário para trazê-la à tona e mais potencialmente efetiva ela o é*. Resultando no esquema seguinte:



No quadrante I (ser e espaço), temos a distensão da matéria enquanto presente e como imobilidade; no quadrante II (ser e tempo), temos os níveis de reflexividade e sentidos potenciais, enquanto mobilizações, a serem expressos em forma de ação; no quadrante III (tempo e fazer), a intensidade da ação em seu ritmo e adequação contextual, como mobilidade; já no quadrante IV (espaço e fazer), os efeitos da ação tanto nos contextos quanto, retroativamente, nas disposições, enquanto incorporação destes efeitos inscritos intraindividualmente.

O esquema acima⁷ ajuda-nos a visualizar a questão da atualização disposicional em geral, bem como especificamente embebida em tecnologias informacionais. Uma vez que ações acopladas a dispositivos são tipicamente de pouco esforço para quem os utiliza e, concomitantemente, são situações de grande disponibilidade mnemônica. Na medida em que um menor esforço para ativar uma

⁷ Esquema de minha autoria, inspirado em concepções de Certeau e Deleuze.

disposição está diretamente relacionado à posição desta disposição, bem como à sua extensão, no patrimônio disposicional. Disposições mais ativadas têm uma conexão mais forte com suas externalidades, um contato mais intenso com os contextos, produzindo mais efeito nos mesmos.

Se os dispositivos nos levam a expandir nossos recursos mnemônicos e, assim, a possibilitar que façamos mais coisas em menos tempo, conseqüentemente teremos outra relação com o espaço e com o tempo: sendo possíveis mais atualizações, realizando mais virtualidades. Isto é, tendo efeitos mais fortes no presente, mesmo que estes efeitos não sejam sempre visíveis, embora sejam certamente incorporados.

Justamente a relação entre a intensidade da ativação disposicional e a extensão da virtualidade dispositiva⁸ é a condição para um envolvimento com o dispositivo, no sentido de uma prática desenvolvida, proporcionando ações efetivas em curtas escalas de tempo. Em que a complexidade de funções do dispositivo propicia uma gama maior de atividades acopladas tecnologicamente, servindo como um suporte facilitador de ações. Esta efetividade é um dos fatores que colaboram ao uso continuado destas tecnologias, uma vez que ter um smartphone à mão, por exemplo, pode solucionar em instantes variadas questões logísticas cotidianas, condição característica da mobilidade do espaço informacional que desliza sobre as práticas sociais, adequando-se às suas demandas e, retroativamente, as transformando.

O que é possível graças à escala micro da informação digital, em termos físicos - isto é, ao nível subatômico, pois composta de elétrons controlados por semicondutores - que facilmente se distende a grandes escalas espaciais, como que escorrendo e penetrando os contextos sociais. Paralelamente a esta interesclaridade espacial, se dá uma interesclaridade temporal de semelhante amplitude, em que a transmissão de informação é momentânea, mesmo em escalas globais, atravessando continentes literalmente em segundos, portanto em intensa sincronidade com o ambiente. Bem como a manutenção de grande parte destas informações ser de grande durabilidade, ficando disponíveis na rede por anos ou décadas, ou mesmo séculos, se assim o for, uma vez que a internet pública, de

⁸ A primeira atualiza-se mais rapidamente quanto mais imersa esteja na segunda.

acesso massivo às populações, foi inaugurada apenas em 1994. Ou seja, a informação digital é rápida como a luz e diminuta como um elétron, alcança territórios de dimensões planetárias e com durabilidade virtualmente infinita.

As características de amplitude e alcance destas tecnologias acoplam-se justamente às disposições dos indivíduos que delas se utilizam, cultivando reações mais rápidas a este tipo de interação e assim paulatinamente *realocando* a posição das disposições no patrimônio disposicional, bem como transformando a composição e a forma de grande parte deste patrimônio.

Ações efetivas e rápidas são o perfil de ações com dispositivos móveis. A curta escala de tempo exigida ao apertarmos botões e a variada escala espacial que estas interações alcançam ilustram bem como se dá topologicamente a distribuição das respectivas atualizações, em uma modulação interescalar cuja geometria é consideravelmente dobrada e mesmo fraturada, compondo uma configuração espaço-temporal complexa. Esta complexidade, tanto ontológica quanto epistemologicamente, não é suficientemente representável por uma geometria euclidiana. É necessário considerarmos um outro tipo de geometria para darmos conta desta complexidade interativa em meio à sua característica interescalaridade espaço-temporal.

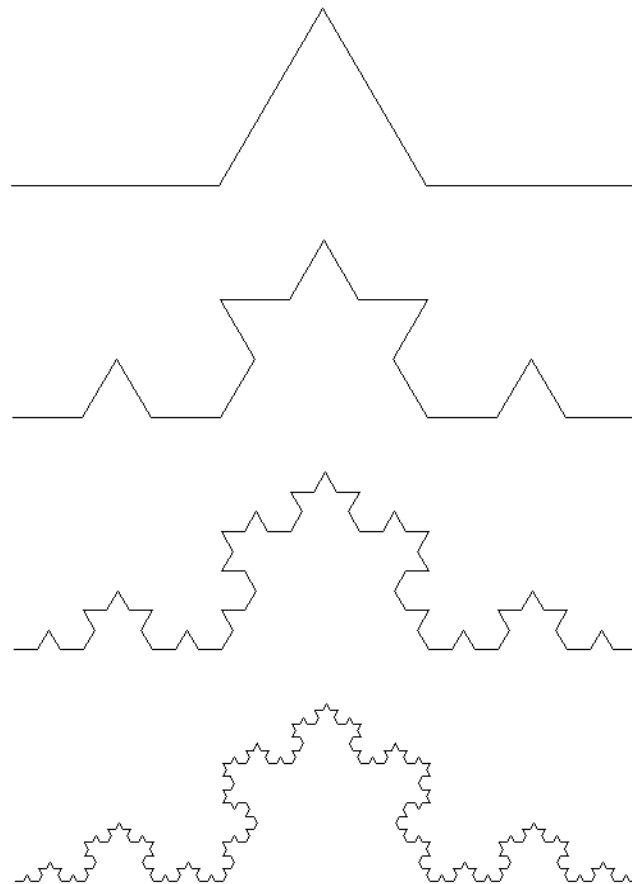
Esta geometria é a geometria fractal, a qual fartamente encontrada na natureza e com uma relação íntima com questões estruturais de escala. Os fractais são encontrados desde moléculas até galáxias, desde o espaço entre células até galhos, de cristais a montanhas. Estão presentes em nossas redes neuronais, nossos pulmões, capilares sanguíneos; formações cristalográficas, cadeias de montanhas, bacias hidrográficas, linhas costeiras, relâmpagos, nuvens; conchas, fungos, raízes e galhos etc. São formações tão disseminadas e até há poucas décadas tão ignoradas pela ciência que chega a ser surpreendente.

O fato dos contextos sociais entrelaçarem-se, assim como disposições e contextos, especialmente em uma condição social permeada por dispositivos móveis, com espaços móveis e imóveis, e com sincronia informacional, compõe uma condição especial entre relações, assim como entre escalas, cuja topologia é incapaz de ser representada pelas geometrias euclidianas.

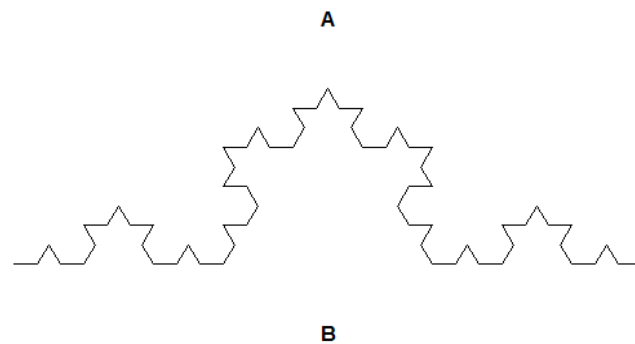
A geometria clássica aborda o espaço tendo por base noções euclidianas de n dimensões, examinando a natureza e as relações de figuras abstratas como pontos, linhas e polígonos. Esses objetos são conhecidos como sendo idealizações que não têm comprimento característico e nem tamanho absoluto. Este tipo de representação geométrica (Euclidiana) não pode caracterizar formas, exceto por estabelecer correspondência (igualdade e similaridade) entre um dado objeto e simples objetos ideais. (AZEVEDO; MARQUES, 2004, p. 51)

O espaço fractal é um espaço em que há uma topologia com evidentes diferenças de relevo em termos interativos. Este relevo configura os cursos dos fluxos de interação, os quais contêm diferenças de potencial entre as ações mais e menos conectadas ao espaço informacional. Quanto mais intensa esta diferença de potencial, maior a clivagem interna a um envolvimento inter ou intraindividual. Ou mesmo entre as situações sociais conectadas aos dispositivos e aquelas que deles não o fazem uso, mantendo-os mais adjacentes, laterais aos seus centros de envolvimento. Ou seja, quanto mais intensa esta diferença entre âmbitos espaço-temporais, maior a dobradura fractal.

No exemplo a seguir temos a evolução de um fractal, chamado de floco de neve de Kock, onde as formações corresponderiam a etapas crescentes de interação/envolvimento.



Em uma escala corporal, quanto maior o envolvimento, mais dobras se formam na relação interindividual ou na relação indivíduo-dispositivo. Já em uma escala disposicional, enquanto topologia intraindividual, as dobras representam a forma que adquirem as disposições, seja umas em relação às outras, seja nas disposições em relação aos contextos. Isto é, sendo as linhas fractais correspondentes a limiares interativos, como na confluência central. Em que, na figura abaixo, A corresponderia a um polo interativo e B a outro. Por exemplo, A e B como indivíduos diferentes, espaços diferentes ou como um indivíduo e um dispositivo.



Em qualquer escala é cabível tal representação, uma vez que ela mitiga consideravelmente a idealização epistemológica de fundo euclidiano - tanto espaço-temporalmente quanto posicional-disposicionalmente - onde se assumem apenas figuras com simetria impossível de existir na realidade, como quadrados e círculos ou simplesmente linhas retas soltas no vazio. Assim como formações que, mesmo assimétricas, ainda guardam linhas e planos demasiadamente retilíneos para poderem representar com maior fidelidade empírica situações sociais.

Ademais, a utilidade de termos em mente tal topologia contempla alguns pontos, como a consideração da atualização de estruturas dobradas e mesmo fraturadas. Ao que devemos levar em conta que quanto mais fractalizada uma estrutura *maior sua superfície de contato* com seu entorno, portanto maior imbricamento em potencial. À medida que sua fractalidade é propriamente sua propriedade de fraturar-se, dobrar-se. *Sua fractalidade é sua acidentalidade.*

Os fractais, a fractalização, em verdade significam justamente o limiar de reprodução de uma estrutura⁹. O que está diretamente ligado ao método lahiriano e à sua concepção de uma sociologia à escala individual, na qual se torna possível visualizarmos mais atualizações e assim aproximarmo-nos da empiria das ações em suas intrínsecas contingências.

⁹ Foucault e Deleuze já utilizavam noções fractais em suas concepções. Respectivamente, as noções de capilaridade e de rizoma.

A importância de considerarmos os fractais em sociologia reside também em sua capacidade de representar¹⁰ estas acidentalidades, imperfeições e fragmentações, tanto dos contextos, quanto das ações e das disposições. As variações que estes contêm em suas atualidades, enquanto variações de território, desdobramento, alcance, acesso e penetração.

A acrescentar a estes pontos, temos ainda a questão espaço-temporal. O tempo, como intensidade, faz pressão sobre o espaço, enquanto distensão material. De modo que a *forma* do espaço se dá pela pressão que o tempo faz sobre a matéria.

As fraturas no espaço se dão justamente por como se desliza o tempo. Como que o sincrônico desliza sobre o diacrônico. E como o tempo, enquanto relação entre sincronia e diacronia, *penetra* na extensão das interações sociais de modo que configure uma condição interativa que não se resume ao espaço material. Na medida em que a agudez¹¹ do tempo, em sua relativa sincronicidade com o espaço, demarca e baliza as relações presentes.

E é justamente neste balizamento que se formam centros de envolvimento, enquanto atratores relacionais, a exemplo dos dispositivos móveis. Centros de envolvimento como convergências interativas que se articulam a outros contextos, a partir do suporte dispositivo, alocando disposições e aumentando o potencial de transferência das mesmas por meio do desdobramento dessas situações sociais ao longo do tempo, constituindo inscrições nos patrimônios disposicionais ali atuantes.

¹⁰ Cumpre-nos salientar que qualquer representação é, por natureza, redutora. Assim, optarmos por uma representação o menos reducionista possível é já um recurso válido epistemologicamente e, em consequência, metodologicamente. Observando que os fractais são estruturas de fato existentes, pois presentes em toda a natureza, assumi-los como partícipes e mesmo constituintes das condições de socialização é, inclusive, uma assunção consideravelmente realista.

¹¹ Em verdade, são as frequências temporais, da mais grave à mais aguda, isto é, respectivamente da mais diacrônica à mais sincrônica, que penetram variavelmente no espaço. Sendo as frequências mais sincrônicas aquelas mais balizadoras do espaço, na medida em que entram em maior atrito com ele, comparativamente às mais graves.

4 TRANSFERIBILIDADE DISPOSICIONAL

A transferibilidade aqui considerada não sustenta que ações semelhantes, em diferentes contextos com acoplamento tecnológico, sejam necessariamente assumidas como pertencentes a um mesmo esquema de ações. E sim que a *conexão entre contextos é que sustentaria a similaridade entre ações*. Esta conexão é tecnológica e sua característica mobilidade acompanha¹² os atores. Este acompanhamento, esta continuidade da relação entre atores e dispositivos móveis, intensifica o acoplamento reforçando a conexão dos atores com aquele suporte tecnológico que entrelaça contextos. E neste entrelaçamento, enquanto fios condutores, é que os atores podem transferir disposições uns aos outros.

Por certo que a presença dispositiva influencia estes esquemas, embora não seja ele mesmo, o dispositivo, constituinte de um esquema disposicional geral. Na medida em que haja uma combinação muito grande de possibilidades interativas entre os atores e os dispositivos, o mais provável é que esta relação tenha consideráveis particularidades em cada caso. Muito embora, é evidente que alguns traços venham a ser mais recorrentes, como disposições comunicativas ou hedonistas, por meio de aplicativos de mensagens ou de multimídias. Ou mesmo por intermédio das redes sociais¹³, com seus comandos já pré-definidos enquanto virtualidades prontas para serem atualizadas.

¹² Há outro tipo de dispositivo móvel atualmente em crescente uso, os wearables. Como denota o próprio nome, são dispositivos vestíveis, a exemplo de relógios inteligentes (smartwatches) e óculos inteligentes (smartglasses). Este tipo de relógio tem, além das funções típicas de um smartphone, a capacidade de mensurar batimentos cardíacos e passadas, a fim de monitorar a desempenho físico de um usuário. Quanto aos óculos, uma das suas principais funções é a da realidade aumentada, por meio da qual são sobrepostas informações digitais em espaços e objetos físicos, como em monumentos, com sua localização, data e história. São casos de dispositivos pertencentes à gama de inovações concernentes à internet das coisas (IoT – Internet of Things), que vem a ser a aplicação de inteligência artificial a objetos de uso corriqueiro, modulando suas dinâmicas instrumentais.

¹³ Redes sociais seriam, neste sentido, esquemas virtuais de ação ou simplesmente esquemas de dispositividade. Uma vez que conduzem a forma de atualizações das interações sociais em rede por meio de suas funções específicas como comentar, compartilhar, curtir, postar etc. Muito embora conduzam a forma destas interações, não chegam a conduzir completamente seus conteúdos. Apesar de que, em alguns aspectos, a condução da forma já influencie nos conteúdos. Na medida em que, por exemplo, a forma de interação por compartilhamento, que vem a ser propriamente uma reprodução rápida e objetiva de um conteúdo em específico, seja já um condicionamento de conteúdo, no sentido de sua disseminação.

Uma vez que a ativação disposicional em geral se dá por contato, é evidente que quanto mais contato houver mais ativação haverá. Analogamente, no acoplamento com dispositivos, o nível de ativação das disposições é proporcional à relação das disposições com esta prática. Sua intensificação traz as disposições mais para perto da externalidade do patrimônio disposicional, compondo parte da superfície de contato do patrimônio com os contextos em que o indivíduo esteja presente. Aumentando, assim, a taxa de transferibilidade disposicional, pois é o *acesso da disposição ao contexto que a mantém transferível*.

Sendo a taxa de transferibilidade disposicional proporcional ao imbricamento disposição-contexto, é justamente a proximidade entre ambos, enquanto desdobramento topológico, que configura este interseccionamento. Ao que se inclui, é evidente, questões de escala. Uma vez que a escala é justamente o *dimensionamento* das relações entre disposição e contexto.

Bourdieu (1989, p. 59 et seq.) concebe a transferência de disposições em uma escala muito ampla, conseqüentemente tendo de utilizar-se de pressupostos os quais não dão conta das particularidades empíricas que justamente são o território disposicional: a individualidade dos atores. A diferença de escala entre agência e estrutura, entre as disposições e a estrutura, neste autor, não é problemática apenas no sentido de se dar em um hiato muito grande - por se pressupor propriedades micro, individuais, particulares, desde estruturas macro - mas que este macro na verdade torna-se tão objetivo, tão calcado em *posições* que acaba tornando-se um a priori, acaba tendo um nível demasiadamente apriorístico, vindo a causar um déficit empírico. Na medida em que deixa de lado a carga empírica do a posteriori, da facticidade das atualizações, enquanto pressuponha esquemas de transferibilidade que circunscrevem as disposições a posições em um campo. O que leva a forçosamente se posicionar certas disposições de certo modo, no habitus, sem se ter suficiente certeza a respeito de ter ocorrido tal transferência de incorporações. Pressupondo transferibilidades em apriorismos de classe, classificações, escalonamentos demasiadamente distanciados dos fatos particulares à vida dos indivíduos.

Em outros termos, Bourdieu confere um peso demasiado ao passado, comparativamente ao presente. Algo suavizado por Lahire quando da consideração

dos contextos enquanto recortes espaço-temporais mais aproximados escalarmente do alcance agencial dos indivíduos, comparativamente à escala dos campos e da estrutura.

É uma questão de *transferência de escala*, no que diz respeito ao gap escalar, o hiato existente entre recortes de escala para efeitos de análise sociológica. Para uma sociologia à escala individual, como pretende Lahire, é necessário mitigarmos ao máximo este hiato. O autor avança consideravelmente em relação à Bourdieu neste quesito, a exemplo da consideração das heterogeneidades disposicionais e socializadoras que compõem um patrimônio disposicional mais complexo do que o habitus bourdieusiano, a partir de um aumento do zoom sobre os atores e assim podendo acessar empiricamente nuances de atualizações em suas microvilosidades, suas texturas pormenorizadas e indicadoras de experiências a nível particularizado - sem a forçosidade metodológica de apriorizar a realidade social, priorizando esquemas - portanto cotejando as acidentalidades das trajetórias, os territórios das rotinas e o impacto do inesperado.

Tendo isto em vista, fica claro o porquê de os fractais compensarem topologicamente não apenas um certo cartesianismo bourdieusiano, mas também o pixelamento¹⁴ das concepções lahirianas. Na medida em que *a confluência central deve ser pensada fractalmente* para que possa dar conta tanto da sua complexidade relacional quanto do que intrinsecamente aí se encontra enquanto transferência de escala. O que se percebe quando tentamos superar dicotomias como sujeito-objeto ou mesmo simplesmente compreender o funcionamento destas reciprocidades enquanto composição retroativa entre centros de gravidade ontológicos.

A questão aqui é um exercício de pensarmos a unidade mínima visual, analogamente à unidade mínima de um dado empírico, ser dependente da unidade mínima de atualização a ser considerada. Na medida em que a unidade mínima de atualização é totalmente dependente do nível de resolução e definição das evidências, na confluência entre observador e observado. Enquanto aquilo que podemos captar empiricamente resguarda a mesma interesclaridade daquilo que

¹⁴ Pixel é a unidade mínima visual em arquivos digitais, portanto é o bloco constituinte de registro computacional, com uma considerável desvantagem de definição imagética em comparação tanto com tecnologias analógicas quanto com o funcionamento do olho humano.

pode ser transferido disposicionalmente. No sentido de que o cotejamento empírico da transferibilidade é análogo à própria experiência da transferibilidade.

Ou, nas palavras de Deleuze, “a síntese transcendental da apreensão é diretamente induzida de uma apreensão empírica” (1968, p. 224). O que significa que a internalidade do sentido empírico, a exemplo da transferibilidade, diz respeito à fractalidade do transcender da própria experiência de se apreender o real. Isto é, as clivagens inerentes ao sentido, em sua condição de limiar diacrônico, enquanto oscilações duracionais, é que constituem a materialidade do sentido e, por conseguinte, a materialidade da apreensão empírica da realidade.

Ao que os fractais cumprem esta função de colaborar com visualizarmos o sentido das nuances atualizadoras enquanto contatos interativos, ao podermos contemplar a realidade social do modo mais próximo possível ao seu acontecer.

É o caso de que estas estruturas geométricas ajudam-nos a visualizar as relações de intensidade e distensão espaço-temporais diante dos imbricamentos dos indivíduos com os dispositivos móveis em suas inerentes diferenças de potencial entre virtualização e atualização, como um instrumento epistemológico que indique graficamente a distribuição dos desdobramentos estruturantes, possibilitando-nos pensar os limiares de efetivação das práticas socializadoras, especialmente quando dotados da mobilidade dos dispositivos. Pois esta mobilidade é um dos fatores preponderantes na constituição topológica de um encaixe entre espaços materiais e informacionais em suas variações e amplitudes escalares.

Ao considerarmos a telefonia fixa, ou mesmo os computadores de mesa conectados à internet, como um correlato mais complexo dos primeiros, a relação entre os indivíduos que deles se utilizam, quando em interação uns com os outros, não projeta uma virtualização tão imprevisível espaço-temporalmente em comparação a situações com dispositivos móveis, simplesmente porque os indivíduos estão alocados fixamente no espaço. E esta posição estável no espaço material ocorre em uma condição de menor fractalização, menos intensa dobradura entre contextos. Uma vez que contextos em movimento se entrelaçam a mais contextos, complexificando suas topologias interativas, o que aumenta sua fractalidade. Enquanto que contextos com maior imobilidade terão

consequentemente menos fraturas em seus horizontes interativos, portanto menos molecularidade em seus limiares de atualização. Já que os fluxos de atualização interativa estarão mais estáveis, mantendo também maior estabilidade em termos de escala, com um grau maior de regularidade em suas distensões.

Lembrando que a diferença de potencial entre virtual e atual é proporcional à interface interativa, ao modo como se interfacetam, interagem, entram em contato realidades distintas. Quanto mais potente um dos lados da interface, mais informação/memória houver em ao menos um dos polos interativos, mais provável que ocorra uma transferência disposicional, pois mais efeitos ocorrerão na reciprocidade entre os polos (CERTEAU, 1998, p. 151 et seq.), com consequentemente mais intensa incorporação.

Esta diferença de potencial é, evidentemente, encontrada em qualquer âmbito e em qualquer escala. Embora ela torne-se mais forte quanto mais dobrado o espaço, quanto mais resistência seja impressa à corrente de interações. O que acena diretamente à diversidade e complexidade das mesmas, bem como das suas constituições enquanto disposições e competências. A pluralidade de competências ou disposições estende-se, e potencialmente transfere-se, segundo o contexto de ação. E a incontornabilidade de uma disposição ou de um contexto é um dos motivos para os pensarmos não mecanicamente, mas fractalmente.

A imensurabilidade da realidade social significa a incontornabilidade dos seus fenômenos. Atos, fatos, acontecimentos, situações, contextos, disposições, interações, etc, são imensuráveis porque não são contornáveis, não possuem limites definidos. Na realidade eles dobram, desdobram e interpenetram-se ao infinito. Suas realidades são assimétricas e acidentadas como um fractal. Basta imaginarmos uma reciprocidade entre duas pessoas. Onde ela termina? Quanto maior a reciprocidade menos definidos são os limites de ação, a exemplo de uma relação íntima, como a de uma socialização primária. Em uma escala um pouco maior temos os contextos onde, especialmente em ambientes públicos, são abertos. Quanto aos ambientes privados, é mais fácil delimitarmos contextos, a partir de referenciais espaciais como paredes e muros. Já em uma escala menor temos as disposições, as quais também não possuem limites definidos em suas particularidades nem em suas combinações. Suas irregularidades e heterogeneidades fazem-se nitidamente visíveis quando

postas em ação, quando atualizam-se em uma escala prática, observável diretamente, corporalmente.

Considerarmos as disposições articuladas e permeadas umas às outras (LAHIRE, 2005), combinadas, sobrepostas, mais ou menos comprimidas, dobradas, fraturadas, portanto variadas em suas propriedades, aproxima-nos da própria complexidade de como são incorporadas. Bem como da complexidade dos contextos onde as mesmas se desenvolvem, se dobram e desdobram. Uma vez que um contexto é dotado de uma multiplicidade de elementos tal que o torna irreduzível e inesgotável, analogamente à impossibilidade de alcançarmos uma totalidade qualquer respectiva a alguma situação social, seja sincrônica ou diacronicamente.

Do ponto de vista epistemológico, o que podemos fazer a respeito é sublinhar os elementos, enquanto fatores mais condicionantes ao relevo de relações que desdobra-se em um tipo de ocasião em específico. A exemplo dos dispositivos móveis, pela difusão da sua presença, uso e recorrência, portanto sua intensidade e extensão interativa em meio a uma rede de relações, já os qualificam como um fator que não deve ser ignorado. Na medida em que o peso do elemento tecnológico aqui tratado condiciona a potencialização da transferibilidade disposicional em tais configurações sociais.

A transferibilidade, pensada nestes termos, não significa a homogeneização dos atores e sim uma similitude de condições de contextos interativos e informacionais, com implicações variadas. Por intermédio da inserção de um elemento em comum a muitos contextos de ação, o dispositivo móvel, o que viria a caracterizar uma mobilidade disposicional. Que vem a ser justamente o perfil de formação e expressão das disposições em situações sociais em que haja entrelaçamento entre materialidade e mobilidade informacional, dando nova dinâmica à relação entre as disposições e os âmbitos interativos. No sentido de ocorrer a mobilização disposicional por meio da mobilidade interativa.

Esta mobilidade disposicional, alicerçada na internet, bem como na intensidade de imersão e acoplamento ao dispositivo por parte dos agentes, é que traz à tona o fato de que tais elementos tecnológicos configuram certas nuances em comum em variados contextos sociais, que propiciam a conexão entre os contextos,

à medida que sirvam de suporte de agenciamento. Assim potencializando a transferência de disposições, tanto de um mesmo indivíduo em distintas situações, quanto entre indivíduos por meio da interação conjuntamente às tecnologias. Bem como no cultivo da prática respectiva a estes dispositivos, no sentido desta prática entalhar novas atualidades, portanto novos cursos de ação, ao que se incluem especializações e temporalizações. Ou seja, a presença de tais dispositivos afeta o presente enquanto atualidade, configurado pela incorporação do passado e aberto às possibilidades e virtualidades do futuro.

Este entalhe atual se dá também por meio da interesclaridade propiciada por tais ações acopladas em que, em uma interação à escala microssociológica, ocorra a articulação entre vários contextos micro, assim como destes com escalas mais amplas a nível informacional. De modo que a gênese disposicional seja condicionada pela transferência de condições interativas justamente na aproximação entre a estrutura informacional, enquanto virtualidade, e a ação social, enquanto atualização disposicional. Na confluência entre virtual e atual é que temos uma topologia interativa em que os suportes informacional, mnemônico e logístico, enquanto espaço-temporalidade própria destas condições de agenciamento, constituem fios de condutibilidade empírica: condição para alçarmos nossas incorporações a outros horizontes, relacionando-nos com fluxos de atualização catalisadores à transferência disposicional.

Há, assim, a transferência por intermédio do exercer do uso do dispositivo. E a transferência por influência, intersubjetivamente, tendo o dispositivo como suporte, tanto no face a face enquanto uma situação social orbitando o dispositivo, quanto por meio da internet. A primeira é uma transferência que se dá mais diretamente, no sentido de sua objetividade, como prática individual, enquanto incorporação de elementos informacionais: redes sociais, sites, aplicativos e serviços em geral. E de modo mais indireto, intersubjetivamente, a transferência por influência de diálogos com pares, comportamentos relacionados ao uso do dispositivo, enquanto modos de socialização secundária, embora também ocorra como socialização primária. Uma vez que crianças cada vez mais jovens lidam com smartphones, tablets e outros dispositivos. Mesmo quando não os possuem, observam e mesmo chegam a utilizar os dispositivos dos seus pais, irmãos e parentes em geral.

Pode vir a ser o caso de que, por exemplo, o uso de redes sociais na socialização primária signifique a penetração da socialização secundária na primária ocorrendo de modo inédito. Bem como haja presença da socialização primária na socialização secundária das escolas, na medida em que os familiares dos alunos entrem em contato com os mesmos durante o período escolar. E há a possibilidade de esse misto de socializações produzir um novo tipo de socialização, ainda em formação enquanto uma condição histórica emergente.

A própria relação público/privado é modulada neste imbricamento de socializações por vias dispositivas. Uma situação social, por mais íntima e por mais privada que possa ser, torna-se facilmente e rapidamente pública ao ser publicada uma foto ou um vídeo respectivo àquele momento vivido. Por outro lado, mesmo em ambiente público, muitas vezes as pessoas agem como se estivessem em uma situação privada, como ao tirarem selfies ou ao imergirem absortas no uso dos seus dispositivos.

Richard Sennett já tratava de questões análogas em relação ao comportamento quando considerava as formas em que se articulou um modo de viver público, a partir de quatro condições, a saber: o retraimento do sujeito; seu silêncio em público; seu controle em expressar o que sente; e a sobreposição de público e privado (1974, p. 44). Todos estes quatro fatores, a que ele denomina de condições psicológicas, em verdade o são psicossociais, pois ultrapassam o âmbito mental, bem como não se restringem à escala micro, dialogando com escalas mezzo e macro.

Os perfis em redes sociais são outro exemplo destas condições comportamentais e disposicionais. Uma vez que estes perfis são, em muitos sentidos, tanto privados quanto públicos, com uma sobreposição quase completa entre público e privado. O que se nota pela possibilidade de termos acesso àqueles registros, àquelas expressões de um indivíduo, mesmo muitas vezes sequer conhecendo a pessoa ou tendo qualquer laço social mínimo com ela. Algo que não seria acessível caso encontrássemos essa pessoa na rua, por exemplo, na medida em que, neste caso, teríamos acesso apenas visual à ela, a algumas ações suas e, talvez, a algo como seu nome, se ouvíssemos alguém a chamando ou tomássemos a atitude pouco comum de nos dirigirmos gratuitamente a um estranho.

É como se os perfis em redes sociais fossem extensões da vida privada de um indivíduo, extensões das suas próprias socializações, alçadas a potencialmente outras socializações, a outros perfis da rede social. Assim como à linha do tempo da rede social, onde convergem as publicações e atualizações dos vários perfis. E a situações sociais alheias às situações vivenciadas pelo indivíduo a quem pertence aquele perfil. Bem como, é evidente, a situações sociais materiais.

Nas próprias redes sociais já ocorre uma considerável transferibilidade de disposições. O estável posicionamento das publicações enquanto expressões de agenciamento dos atores é um terreno fértil à absorção disposicional¹⁵. O que constitui um regime de visibilidade social no espaço informacional que acaba por influenciar em como os atores lidam com as situações sociais, acopladas tecnologicamente, nos mais variados ambientes, seja na rua, no trabalho, em instituições de ensino, em suas próprias casas, em casas de outrem, em eventos sociais etc. O que demonstra um dos suportes sociais que os dispositivos móveis propiciam, mitigando o que Sennett referiu-se como um “retraimento do sujeito” em seus controles sentimentais e expressivos.

Os stories, como no caso das redes sociais Facebook e Instagram, ou status, no Whatsapp, são postagens do tipo que demonstram esta relação público/privado por meio do suporte tecnológico móvel. Composta normalmente por vídeos curtos ou fotos, em que uma situação de escala consideravelmente micro, que seria de difícil acesso a muitas outras pessoas, torna-se em segundos amplamente acessível, potencializando o entrelaçamento daquele contexto publicado com os contextos de quem o visualiza. Entrelaçamento o qual, algumas vezes, torna-se material, no sentido de influenciar a situação social de alguém que não está no local da publicação, como afetando o sentido das interações in loco da última. Produzindo enfoques e desfoques na mesma, rearticulando os envolvimentos, mesmo que momentaneamente, entre os agentes ali presentes. Isto é, midiaticizando aquela situação social que a princípio não teria qualquer relação com a situação social da publicação. Enquanto a inserção, mesmo que parcial, de uma situação social

¹⁵ Tirar fotos de si mesmo é um exemplo que tomou conta das redes sociais e do comportamento das pessoas em geral, principalmente por parte dos jovens. As chamadas selfies se tornaram um hábito amplamente disseminado e absorvido. Exemplo evidente de transferência disposicional que adquiriu amplas escalas sociais.

externa em uma situação presente corporalmente, perturba o funcionamento da última.

Outra característica interessante deste tipo de publicação é sua efemeridade, pela duração de acesso à mesma, de exatamente um dia. Por 24 horas é possível acessar aquela história em particular, o que vem a simular um certo realismo, no sentido da proximidade perceptiva com um acontecimento que é temporário. Portanto simulando um acontecimento em presença no sentido da materialidade efêmera do mesmo. Apesar de na realidade o acontecimento durar apenas de segundos a minutos, por exemplo, e na rede durar exatamente 24 horas nestes casos, ainda assim aproxima-se muito mais da experiência vivida do que no caso de postagens que permanecem acessíveis indefinidamente, sem qualquer horizonte temporal demarcando-a. Uma vez que postagens que permanecem acessíveis possuem temporalidade comparativamente muito mais diversa. Uma temporalidade derivada e diferencial, típica da maior parte dos arquivos da rede, por sua estabilidade e potencial reproduzibilidade, isto é, sua abertura em relação ao seu possível compartilhamento, mobilizando outras relações dos agentes com esta memória objetivada. À medida que em ocasiões futuras a mesma publicação possa vir a participar de outras ocorrências sociais que não estejam localizadas cronologicamente próximas à data em que a primeira foi publicada.

Este anacronismo constitui já uma dobra espaço-temporal, análoga ao armazenamento do passado por meio de arquivos. Ao salvarmos arquivos, registrarmos momentos vividos, mesmo que não os publiquemos a outrem, podemos sempre retornar aos mesmos, enquanto estes sempre estarão virtualmente abertos a nós, disponíveis para reativarmos aquela memória.

Estes registros são, em verdade, uma dobra enquanto duplicação da realidade social, por mais privada que ela possa ser. A duplicação do privado é o registrar do real, é salvá-lo. Salvá-lo de seu desvanecer no devir, salvá-lo do seu fim tornando-o um fim humano, uma finalidade, portanto uma continuidade a qual perseguimos simbolicamente como sendo real. Talvez muitas vezes mais real do que o próprio acontecer em sua presença momentânea e material.

O salvar é a duplicação - ou mesmo multiplicação - do presente. É uma simulação que arquivada, incorporada, torna-se potencialmente mais relevante do que quando aquele fato ocorreu¹⁶. Uma vez que aquele fato retorna virtualmente sem terminar, sem deixar de ser, sendo cada vez parte, novamente, do ser. Pois participa do acontecer, tendo uma repetição como recurso. É o presente carregando cada vez mais passado. E, paradoxalmente, é o presente cada vez mais ultrapassado por si mesmo, enquanto modificado mais velozmente, em vias também desta potência conjunta do arquivo, do incorporado, de uma potencialização do transformar¹⁷. É, assim, o futuro cada vez mais aberto diante de nós, portanto mais indeterminado em seu horizonte.

A tecnologia digital facilmente permite estas repetições por meio da cópia, reprodução, distribuição e acúmulo de informação. De modo que aquilo que chamamos de privado seja cada vez mais potencialmente público e vice-versa. Esta interpenetração de uma esfera na outra é visível em variados contextos e escalas. O que fica evidente na relação entre modos de socialização ancorados em estruturas específicas, como a sociedade disciplinar e a sociedade de controle, ambas existentes conjuntamente e interpenetradas em níveis variados, de acordo com os seus respectivos espaços interativos.

Em locais onde impera uma maior disciplina, a exemplo de instituições de ensino, como lógica de fundo há uma segmentação dos espaços e dos tempos, com uma maior mecanização dos comportamentos, interseccionados por descontinuidades programadas, na medida em que os indivíduos incorporam as contingências respectivas ao funcionamento daquelas socializações, adaptados fortemente a onde encontram-se (FOUCAULT, 1984). Já a sociedade de controle, bem mais atual, tendo apenas cerca de meio século de existência, comparativamente aos mais de três séculos da sociedade disciplinar, tem no espaço informacional da internet um correlato seu, constituindo-se de continuidades, sem o confinamento característico das disciplinas, em um fluxo contínuo e ondulatório

¹⁶ Dada a importância que atualmente é conferida às redes sociais, por exemplo. O Facebook é uma rede social que não apenas mantém as publicações indefinidamente, como também relembra, a cada ano, as publicações feitas em um dia específico. O que estimula as pessoas a lembrar e mesmo compartilhar novamente aquela publicação, fazendo com que aquele momento seja, em certa medida, revivido, trazendo assim o passado à presença.

¹⁷ O que não significa necessariamente uma renovação, mas sim necessariamente uma modificação.

(DELEUZE, 1992). Cada uma destas sociedades constitui uma condição social, com uma imersão própria ao sistema por parte dos atores, constituindo assim distintas interfaces de agenciamento, com dobraduras próprias, especialmente no caso de quando estes tipos de sociedade se articulam.

Na sociedade disciplinar há uma maior queda de potencial das ações, na medida em que o seu acontecer é mais mecânico, compartimentado, portanto sutil em termos de virtualização, com distensões menos fraturadas e temporalidades com alta previsibilidade cronológica. Enquanto que na sociedade de controle o próprio controle é a virtualização por excelência, na medida em que a virtualização potencializa a articulação de tendências enquanto nós objetivos, portanto potencializando uma trama de relações de manutenção que acaba por estabilizar seu respectivo poder enquanto possibilidades de ação. Um aumento de potencial que, ao mesmo tempo em que produz recursos e multiplica a gama de soluções possíveis, enquanto resolubilidade dos nós tendenciais, isto é, enquanto resolução de problemas¹⁸ (LÉVY, 2005, p. 67 et seq.), também mais facilmente penetra nas brechas interativas, a exemplo das brechas disciplinares.

De modo que a sociedade de controle não necessite de ordenamento de posições dos elementos os quais controla, bastando seguir seus rastros informacionais. Operando, assim, uma espaço-temporalização mais sincrônica, dada a imediatidade de acesso a informações. Enquanto a sociedade disciplinar opera de modo mais diacrônico, a exemplo de suas características vigilâncias recorrentes, ou seja, de um acesso aos indivíduos ocorrendo ao longo do tempo, em desdobramentos reproduzidos por repetição na manutenção de espaços e tempos restritos.

Ao considerarmos a interpenetração destes modos de socialização temos, de modo geral, que o espaço informacional respectivo à sociedade de controle penetra no espaço material da sociedade disciplinar por entre suas brechas. Articulando-se, ambos âmbitos socializadores, em um espaço interativo próprio e dotado de especificidades. A ocorrência de ambos modos de socialização, em concomitância,

¹⁸ Como no caso dos variados recursos disponíveis nas tecnologias móveis, que propiciam que algo que encontre-se ainda em âmbito virtual, como uma possível necessidade de utilização de algum serviço, venha a resolver-se de modo atual. A exemplo da utilização de aplicativos de carona, para fins de deslocamento, como Uber e Cabify. Ou de aplicativos de telentrega como Ifood.

produz situações sociais em que os indivíduos, a exemplo de alunos em escolas, podem revezar seus fluxos de interação entre aquilo que a instituição demanda e aquilo que vêm a interagir pelos dispositivos, exatamente nos intervalos da mecanicidade disciplinar, onde a ondulatoriedade informacional penetra com mais facilidade, a exemplo dos recreios e dos momentos de troca de professores. Quando, neste pouco tempo, podem verificar notificações de aplicativos e atualizarem-se em redes sociais, por exemplo.

Nesta modulação interativa ocorre uma oscilação disposicional entre dois modos de atualização, por disciplina e por informação externa por meio da internet, fazendo com que ambos espaços dobrem-se um sobre o outro, operando fraturas interativas próprias a interrupções e fugas de envolvimento (GOFFMAN, 2010, p. 182 et seq.).

A inserção informacional móvel no ambiente escolar em específico e, em geral, nos variados ambientes de socialização, instaura intensidades interativas antes ausentes nestes espaços, o que leva a novas extensões, novos desdobramentos entre as ações reciprocamente, assim como entre as ações e os ambientes em que as mesmas se dão. Estas intensidades alteram o transcorrer dos acontecimentos presentes, enquanto os sincronizam com contextos externos a eles, imbricando atualidades diversas, por conseguinte levando a oscilar as atualizações in loco. Enquanto elementos objetivos que adentram espaços específicos de socialização, recondicionando as ativações disposicionais por parte dos indivíduos que deles participem.

5 RETRATOS SOCIOLÓGICOS

5.1 VIKA

Vika nasceu em Porto Alegre, tem 15 anos e vive há 7 anos em Alegrete, sua mãe é natural de Itaqui e é dona de um restaurante, seu pai é advogado, nascido em Ijuí - todos municípios gaúchos. Sempre morou em zonas urbanas e reside no Centro da cidade de Alegrete, mesmo bairro da sua escola, onde cursa atualmente o 1º ano do Ensino Médio.

Teve seu primeiro celular com 12 anos, tendo tido 5 aparelhos desde então, e vive uma relação intensa com as redes sociais, especialmente Instagram e Whatsapp. Descreve-se como uma pessoa hiperativa, “meio louquinha”, sempre em busca de coisas novas e que não consegue ficar muito tempo com a atenção focada em uma única coisa.

Considera o mundo atual “basicamente tecnológico” e essencial estarmos atualizados. Age em consonância com tal condição da atualidade, estando em constante relação com seu celular e intermitentemente conectada à internet. Apesar disto, sua postura reflexiva diante de tamanha imersão é consideravelmente crítica, no que tange aos motivos de estarmos imersos em tais interatividades, bem como a maneira com que ela encara a respectiva intensidade informacional, sua relação com o ambiente que a cerca e as consequências destas configurações sociais tecnologizadas para nossas buscas por realização pessoal e pela felicidade.

5.1.1 A fuga do virtual para o atual através da relação com o espaço

Vika é uma pessoa que se deixa levar pelas sensações presentes, como quando reiteradamente incorporava à entrevista, na praça central de Alegrete, observações suas a respeito dos pássaros, árvores e pessoas que por ali passavam:

Eu tô aqui, mas eu não consigo focar no que eu tô fazendo, porque eu tô fazendo muitas coisas. Tipo, na minha cabeça eu já tô pensando o que eu tenho que fazer depois; já tô olhando o

passarinho ali também, que inclusive 'tá lá. Entendeu? E aí eu já tô assim, ó... lá tem um ó (aponta). Viu? (...) Peraí que eu 'tava prestando atenção no pombo (risos). O que tu falou?

Ou então:

'Tá vendo aquela menina lá (aponta)? Ela vem desde lá ó, tô cuidando ela. Ela vem desde lá no celular. E tu viu por quantas pessoas ela passou? Ela passou por 3 pessoas. Sabe quantas ela olhou na cara? Nenhuma.

Ao trazer estes elementos do espaço físico onde ocorria a entrevista para dentro da própria dinâmica da entrevista, é ativada uma amplificação do ambiente da entrevista, de modo que amplifique também sua própria experiência. Analogamente à amplificação sensorial de estar liberta temporariamente das tecnologias, quando eventualmente concentra-se em seu próprio silêncio, como veremos adiante.

Esta amplificação é uma forma de distender o horizonte contextual para além de suas distensões informacionais, as quais podem configurar grandes extensões, embora corriqueiramente o sejam superficiais. A distensão que Vika opera é uma distensão perceptiva que abre espaço à reflexão: uma distensão empírica. O que provavelmente ocorre para compensar a retração material efetuada pelo uso intenso do celular. Retração material que é, neste caso, uma contração da experiência sensorial e mental no sentido de estar demasiadamente direcionada ao dispositivo, cercada de atualizações, comprimida a uma escala de tempo mínima, principalmente ao levarmos em conta o pouco tempo dirigido, enquanto atenção, a cada informação, a cada elemento, com vários fluxos informacionais concomitantes, por meio de variadas redes sociais, além de outros aplicativos, como navegadores e jogos.

É uma fuga, uma forma de não sufocar diante de tais condicionamentos tecnológicos, fazendo-se presente de um modo que os dispositivos não nos permitem. Como este comportamento é narrado por ela como sendo uma característica sua, resta-nos sublinhar o fato de que a tecnologia o intensificou, trazendo-o mais para a superfície de seu patrimônio disposicional, para mais perto da sua externalidade, em contato direto com suas ações, por meio do deslocamento destas disposições, disposições para sentir.

Este contato com o externo vem a ser uma intensificação disposicional, mediante sua recorrente ativação, na medida em que a superfície de contato da disposição com o ambiente se amplifica. E isto ocorre, neste caso, especialmente por meio da tecnologia, que viabiliza uma relação virtual inexistente quando da ausência tecnológica. A diferença de potencial entre a virtualidade do mental e a atualidade do corpóreo sendo menor do que aquela entre a virtualidade do espaço informacional e a atualidade do espaço físico é que condiciona esta intensificação. Como em um curto-circuito em que entram em jogo resistências entre correntes de fluxo interativo paralelas, fazendo com que a pessoa reaja a esta condição, seja imergindo mais ainda no dispositivo, seja reflexivamente resistindo a ele.

É um entregar-se ao presente, o que ambigualmente leva Vika tanto a uma impulsividade com o uso do celular quanto a diluir-se em experiências sensoriais desconectadas da tecnologia:

Por mais que meu celular esteja aqui, quando eu estou na natureza eu sinto que me conecto com a natureza, não preciso do celular. Quanto eu tô aqui ó (na praça), eu me sinto tão bem que não sinto necessidade de pegar o celular. Só se for pra por uma música. Se eu tivesse sozinha aqui, sentada, eu colocaria uma música. Pra ficar viajando, pensando quantos anos tem esta árvore... e aquela lá de trás. Eu ia ficar refletindo, respirando esse ar. Se eu tivesse na sala (de casa), não ia nem olhar pra fora.

É notável que Vika ocasionalmente isole-se das marés de informação que recebe. Ao relatar envolver-se na escuridão de seu quarto para escapar da impulsiva relação com seu smartphone. "Vinte e quatro horas eu tô com o celular! Eu só não uso o celular *quando eu tô dormindo*. Mas, antes de dormir, eu tô com o celular. Quando acordo eu já vou pro celular. Eu tô todo tempo com o celular".

É este um exemplo claro de transferência disposicional por meio da transferibilidade contextual, em que os celulares cumprem o papel de suporte agencial, mnemônico e informacional, cultivando e fazendo distribuir ações e reações similares em diferentes contextos. Seja em casa, na rua, na escola, com amigos ou sozinha, o celular está sempre presente em sua vida e condiciona consideravelmente seu comportamento. Diante deste panorama, Vika exerce a reflexão em resistência à inundação informacional que a acompanha e mesmo a assalta no dia a dia:

Antigamente não tinha nada né, dessas tecnologias, essas coisas. E as pessoas ficavam mais sozinhas com elas (mesmas), então ajudava elas a pensar. E, tipo, hoje em dia, tu não fica sozinho contigo. Tipo, tu pode 'tá em casa, sozinho, sem ninguém, mas tu vai ter uma TV pra olhar, tu vai ter um celular pra falar com alguém, tu vai ter, sabe, alguma coisa. Tu nunca fica absurdamente... tu não fica, tipo, totalmente sozinha, tu sempre 'tá com alguém. Tu sempre, de alguma maneira indireta ou direta... Hoje em dia a gente não fica... porque, pra mim, no meu ponto de vista, o melhor ponto de reflexão pra uma pessoa é ela deitar no travesseiro e pensar tudo que ela fez, todo o dia, durante todo o dia, sabe. E olhar de uma maneira crítica como as pessoas viram aquilo e como ela pode melhorar. Eu acredito que, quando a gente 'tá com o celular, a gente não para pra fazer isso. Quando a gente 'tá com a tecnologia, quando a gente 'tá envolvido. E, tipo, a gente não fica sozinho pra ter esse momento, porque a gente não se permite. Porque eu acho que o ser humano tem medo de ficar sozinho. Tem medo de não entrar numa rede social, tem medo de não olhar um filme, ele tem medo de ficar sozinho. Por isso, porque ele vai saber que, por ele não ter nada pra fazer, ele vai refletir, vai lembrar de coisas que ele não queria, vai perceber coisas, entende. Então eu acho que pra muita gente (a tecnologia) não ajuda a refletir, ela nos atrasa.

E segue sua narrativa reflexiva com exemplos tanto hipotéticos quanto já vividos por ela:

Porque, se tu estiver no meio do mato, que não tenha nenhuma televisão, não tenha celular, não tenha wi-fi, não tenha nada. E, tipo, não tem ninguém, só 'tá tu. O que tu vai fazer? Tu vai achar algo de útil pra fazer e nesse tempo tu vai pensar bastante. Tudo sobre tuas atitudes, sobre o que tu quer da tua vida, sobre o que tu 'tá fazendo da tua vida. E as pessoas têm muito medo disso porque elas não sabem qual vai ser a resposta. Muitas pessoas vivem a vida delas sem saber o que elas 'tão vivendo. E elas têm medo de encontrar a resposta, de saber que não é aquilo que elas querem.

Já aconteceu comigo, de eu procurar uma resposta em alguma coisa e de eu ser radical, entendeu. De eu desligar tudo que tem na minha casa. Porque quando eu preciso pensar sobre a minha vida, quando eu preciso refletir sobre a minha vida, eu escondo o celular, tiro o chip dele, desligo tudo, fecho todas as janelas e eu sento e penso: 'O que eu estou fazendo da minha vida?' E começo a me fazer perguntas... começo a fazer perguntas pra mim mesma e começo a pensar nas respostas, se outra pessoa estivesse me perguntando. As respostas que eu daria... Eu acho que se tu te questionar e pensar no que tu falaria pra alguém, e no que tu realmente pensa, tu já encontrou tua resposta.

A resposta a ser buscada não está nas mensagens respondidas, nas fotos curtidas, nos compartilhamentos e publicações de momentos vividos. Está na vivência dos momentos, os quais abrem-nos a possibilidade de refletir, de por diante de nós algo mais do que superfícies interativas, do que interfaces funcionais.

Experiências que expõem a realidade dos fatos tão embebidos de informações acopladas a eles que chegam a precisar ser lapidados, reencontrados. Precisamos reencontrar a facticidade diante da profusão de derivações empíricas nos contextos tecnologizados.

5.1.2 O celular como válvula de escape

O celular como válvula de escape significa uma ambiguidade inerente à condição de uso deste dispositivo, à rede de relações e à topologia das mesmas que se desdobram desde um centro de envolvimento com este aparelho: tanto um escape dos atores em relação a uma situação social em específico, quanto um escape que mantém a situação social, mas altera sua condição de interação para outro foco, ativado por informações vindas da internet.

De modo geral, esta válvula de escape serve para escapar de uma "situação chata". Sendo o primeiro caso, de um escape em relação a uma situação social, exemplificado quando Vika afirma que usa de jogos no celular como recurso a contextos constrangedores:

Quando eu tô nervosa, quando eu tô ansiosa, quando vem passando uma pessoa que eu não gosto e eu quero fingir que tô fazendo alguma coisa, eu vou lá e jogo (risos). Ou quando 'tá uma situação constrangedora, sabe? E tu não sabe como escapar, daí tu quer mexer no celular... eu jogo.

No segundo caso, de redirecionamento do foco interno a uma situação social, o celular reativa a coesão da situação em que os atores estão inseridos, reintensificando a interação enfraquecida, como no compartilhamento de informações:

Acho que quando a gente usa sozinha a gente, tipo, só recebe informação. Mas quando a gente 'tá com amigos a gente repassa, muitas vezes. (...) Antigamente, quando a gente não tinha assunto, a gente puxava os assuntos, aleatórios. Tipo, hoje em dia não, sabe? Não tem assunto, o pessoal não se empenha muito, fica... aí vai lá pro celular... e fica pensando nos assuntos que pode puxar, pra não ficar uma situação meio chata. (...) Geralmente, tem um assunto. Ou não, né. Ou 'tá todo mundo se olhando, assim, e do nada começa a dar aquela murchada. Aí a gente vai ver as notificações. Ou, tipo, uma 'tá olhando um negócio no celular e fala: 'Ah, olha isso aqui!' ou 'Tu viu isso aqui?'. Aí começa esses assuntos, assim. Daí a gente

começa a falar sobre aquele assunto que ela viu. Ou a gente fica mexendo. Tipo quatro pessoas mexendo no celular.

A acrescentarmos a estes exemplos há o fato, ainda social, mas de caráter bem mais existencial, de o celular ser um escape ao tédio e, especialmente, à falta de sentido que se insinua vez que outra, repentinamente, e em frequências obviamente variáveis de indivíduo para indivíduo, ilustrado quando Vika diz que "todos temos um vazio existencial" e a tecnologia ajuda-nos a fugir desse vazio, a nos iludirmos que de alguma forma ele é preenchido:

Todos nós temos algum problema ou algum trauma de infância ou alguma coisa do tipo. Algo que, toda vez que a gente pensa, a gente tenta escapar. Que toda vez que tu pensa, de todas as formas possíveis... que tu lembra, nem que seja de relance, que tu lembra de qualquer coisa... tu pensa de qualquer forma de escapar daquilo. E é isso que as pessoas têm medo. As pessoas têm medo de enfrentar o vazio delas. Muitas pessoas, quando enfrentam seu vazio, se matam. (...) A tecnologia preenche todos os vazios. Principalmente o vazio existencial que a gente tem. Tipo, quando tu posta uma foto, tu espera que ela tenha muitas curtidas. A grande maioria das pessoas espera que tenha muitas curtidas. Porque isso é pra alimentar o ego delas, sabe. Quando tu sai com um amigo e quer tirar uma foto, é porque também é pra alimentar o teu ego, muitas vezes. Porque, quando tu estiver sozinho... ou tu quer que outras pessoas vejam. Ou quando tu estiver sozinho, sabe? E aí, sei lá... tu procura motivos pra não pensar em bobagem, não tentar fazer bobagem. Hoje em dia, eu acho que as pessoas têm trabalhado mais, as pessoas têm estudado mais, as pessoas têm dormido mais, as pessoas têm mexido mais no celular, as pessoas têm visto mais TV. Sei lá... as pessoas têm feito mais coisas pra que elas não consigam ficar sozinhas. Porque falta algo nas pessoas. E sempre faltou algo nas pessoas. E é por isso que eu acho que a gente vem evoluindo, assim, tão rápido, com a internet, com os celulares, porque falta algo nas pessoas, sabe. E as pessoas tentam preencher tendo coisas. (...) Na verdade é uma coisa ilusória. Não é algo que preenche o teu vazio. É algo que esconde o teu vazio. É algo que, tipo, põe uma camadinha assim de... aqueles papel-filme, sabe? Põe um papel-filme em volta. Bota o papel-filme e uma hora vai furar.

5.1.3 O celular na escola

Em termos contextuais, além dos exemplos acima, o escapismo em sua ambiguidade mostra-se evidente no âmbito escolar, tanto no sentido de que há a informação que escapa do espaço institucional para o espaço público das redes sociais, quanto no sentido da informação que adentra o espaço escolar. Ou seja, um realocamento da atenção dos atores para com os elementos presentes. O espaço

informacional mantém seu fluxo de entrada e saída do espaço institucional principalmente nas brechas das condições disciplinares, como entre os períodos de aula, durante o recreio e mesmo durante as aulas, tanto em olhadelas rápidas ao celular para checagem de notificações quanto em um uso mais duradouro em momentos determinados:

Se eu tô na aula e é uma aula que me prenda, não é algo que eu precise de uma válvula de escape, porque o celular muitas vezes, pra mim, serve pra isso. Se eu tô na aula de química, eu não sei nada de química, nem sei se eu vou passar em química... e aí meu professor tem 80 anos, 70 anos, que jeito que eu vou prestar atenção num velhinho falando? Eu já não consigo levar ele a sério, quem dirá prestar atenção no que ele 'tá falando! E aquilo não me prende, não é uma aula que me faça gostar, ter gosto por aquela aula, aí fico assim... Mas, por exemplo, se é uma aula que eu gosto, acho que o celular me ajuda a me concentrar sabe? Porque, por exemplo, o professor falou um negócio que eu não sei. Eu não vou parar a explicação dele, eu vou lá e pesquiso. (...) Então ele (o celular) me ajuda a distinguir quando eu consigo me prender a algo e quando eu não consigo. (...) A gente ainda usa quadro, a gente ainda faz prova em papel! Eu acho isso a coisa mais arcaica do mundo. A gente ainda é avaliado por prova! Porque eu acho que prova não é método que vá avaliar o teu conhecimento. Tipo, ele avalia um pouco do teu conhecimento, mas ele não avalia numa maneira geral e muitas pessoas sabem da maneira geral. E não daquela maneira ali que 'tá, entendeu? Eu não sei... eu acho que a escola é velha, sabe (...) as escolas estão atrasadas, porque hoje em dia tudo é virtual, sabe. Por que tu gasta papel ainda, se pode fazer uma prova no celular ou no computador? Se toda escola tivesse um computador, eu acho que seria muito melhor, de alguma forma. Quantas árvores daí não precisariam matar? Quantos lápis pra economizar? Quanta caneta que não ia vazar?

A passagem acima ilustra alguns aspectos da interpenetração entre sociedade disciplinar e sociedade de controle. A tradição disciplinar representada pelo professor idoso; a exigência de determinadas áreas de estudo serem obrigatórias; a aula centralizada no quadro como disposição postural dos alunos no espaço; e os exames, ainda “agravados” por se darem de um modo nada ecológico. Em contraste a estes, a utilização do celular como fator de distração em relação a um conteúdo que não agrada, assim como para manter a socialização a qualquer momento que se queira, utilizando aplicativos de mensagens e redes sociais, sem submeter-se às restrições impostas, ou para auxiliar no aprendizado mediante pesquisas na internet, algo que, curiosamente, mesmo colabora com a disciplina em sala de aula, uma vez que o professor pode manter seu ritmo sem interrupções para sanar pequenas dúvidas.

Em uma escola em que não é permitido o celular durante as aulas, os alunos mesmo assim o fazem. Alguns por poucos minutos e outros simplesmente utilizam continuamente, causando eventualmente atritos com os professores. O mais comum, segundo Vika, é a utilização de fones de ouvido para música. Algo tão comum que os professores acabam muitas vezes deixando passar sob a justificativa, por parte dos alunos, de que a música lhes ajuda na concentração.

Entre a imobilidade institucional e a mobilidade informacional forma-se uma composição de variados dispositivos e disposições num mesmo contexto espacial. A continuidade de uso dos dispositivos móveis por parte dos alunos forma linhas de força interativas que escapam para muito além do dispositivo disciplinar. De modo que as ações daqueles atores forcem uma adaptação disciplinar. Diante do evidente déficit tecnológico da grande maioria das escolas, e para além da opinião de Vika, este é um desafio que as instituições educacionais já estão começando a enfrentar.

5.1.4 Temporalidade

O tempo parece passar mais rápido, segundo Vika, com quanto mais elementos ela se envolva, neste caso, quanto mais complexo for o dispositivo de que se utiliza:

Quando tu 'tá com o celular são 10 horas. E aí, quando tu vê, já é uma hora da manhã. (...) Por ele (celular) ser melhor, eu tenho mais recursos. Por eu ter mais recursos me toma mais tempo, entende? É mesma coisa que me comparar com um velhinho de 60 anos que tem um telefone de botão. Tipo, ele não fica o dia inteiro com o telefone dele, né?!

De modo que esta aceleração engendra atualização constante de algumas das suas disposições, em especial aquelas relativas à ação, ao ponto daquelas relativas a sentir não se adequem a este ritmo, fazendo-a buscar um ritmo que seja propício a tais experiências, em contextos menos invadidos por informações não pertencentes diretamente aos mesmos, situando-se de um modo no tempo e no espaço que difira da espaço-temporalidade tecnológica. Como ela mesma relata neste exemplo:

A internet é uma coisa que vem nos ajudando, porém vem nos atrasando. Porque a gente não têm mais tantas relações que nem

nós tínhamos antes. Antes todo mundo brincava na rua. Eu brinquei muito na rua, meu irmão nem sai pra fora de casa. Meu irmão só joga videogame. Já cheguei em casa, ele 'tava no celular e nem sabia que horas eram.

Por outro lado, quem deixa de atualizar-se, como muitas pessoas idosas, também está, por assim dizer, desconectado da realidade, segundo Vika. Neste sentido, parece que ela gostaria de descobrir como evitar uma alienação da relação que mantém com o dia a dia. Manter-se conscientemente ligada à realidade que a cerca, captando suas nuances sociais e, conseqüentemente, acessando a felicidade inerente a um modo específico de socialização. Modo potencialmente acessível a qualquer um que tiver a consciência de que cobrimos a realidade com uma película transparente e fina, como “um papel-filme”, que mesmo que permita-nos vê-la, impede-nos de senti-la.

5.1.5 A insônia e os pressentimentos

Apesar de a hora de dormir ser uma das únicas ocasiões em que Vika não utiliza o celular, mesmo este período se vê invadido por tal ocorrência. Sua disposição em "saber o que está acontecendo no mundo" é reativada mesmo em sonho:

É que às vezes eu acordo. É que eu sofro meio que de insônia. Sei lá como é que chama isso. Que, às vezes eu tô dormindo assim, mas aí já tô acordada, juro. Tu sabe quando sente que aconteceu alguma coisa?! Eu sou assim. Eu sinto que aconteceu alguma coisa e já pego o celular pra ver o que foi. Mais ou menos isso. (...) Quando minha vó morreu eu acordei 3h00. Minha vó morreu 3h15.

Mesmo ao passar o dia inteiro em constante uso do celular, à noite ela também o utiliza até o último momento e, mesmo durante o sono, o mesmo é interrompido. Ao acordar durante a noite, esperando chegar uma notícia do mundo por meio do celular, tem-se a emergência do sintoma de algo que a acompanha continuamente: o fluxo informacional pelos aplicativos e redes sociais que a mantém disponível, em latente vigília por uma resposta. Parece uma busca sem fim, análoga à impossível felicidade plena.

5.1.6 A felicidade

Para Vika, a felicidade está nas pequenas coisas e esta é uma crença que guarda coerência com se pensar o presente como tempo da felicidade, como modo temporal de experiência da felicidade. Na medida em que as pequenas coisas são aquilo que está ao nosso alcance, no agora, onde podemos alcançar várias camadas da experiência de estar incorporando a vida, de se deixar penetrar não pelo que vem de longe, mas pelo que está em contato direto com nosso próprio corpo.

O celular acaba adquirindo, nestas condições, uma ambiguidade de considerável relevância, pois ao mesmo tempo em que a mantém atualizada em relação ao que se passa e às pessoas e coisas com que se importa, tende a desconectá-la do contexto onde ela mesma, Vika, se encontra. Como ela mesma afirmou, o celular sendo uma válvula de escape é já um escape do presente, um desvio em relação ao momento em que se encontra fisicamente, um desvio em relação às pequenas coisas. Aquelas coisas sem urgência de atualização, ou melhor, sem qualquer urgência, como “no abraço que tu dá em alguém que tu gosta, em escutar uma coisa que tu gosta, em viver uma coisa que tu gosta”, um estar por inteiro inserido e envolvido no momento presente, em que as presenças mostram-se a si mesmas e umas às outras em uma abertura saudável e envolvente, cujo poder as leva não a uma busca, mas a um encontro. Encontramos a felicidade não ao buscá-la em algum objeto, local ou momento ulterior e, sim, ao sentirmos a vida em suas nuances.

Ela acredita que a felicidade se vive no dia a dia e não no passado ou no futuro:

Acho que a felicidade é algo que a gente tem que viver agora, entende. Tu tem que 'tá feliz pelo que tu fez hoje. A felicidade 'tá acontecendo agora e a gente procura a felicidade, a gente procura amor, mas o amor e a felicidade são tipo agora, sabe. No dia que tu 'tá se sentindo menos amado, se tu for parar pra ver, vai ter alguém que te ama, alguém que 'tá ali por ti. A felicidade 'tá nas pequenas coisas.

A questão do tempo é aqui fundamental, pois a espontaneidade entrelaça-se com as escalas de tempo cotidianas, pequenas escalas com variações em relevância. E não com ações lançadas a escalas maiores, que contemplem o futuro

distante ou o passado já irreversível. A questão da temporalidade está articulada ao poder de vivermos do melhor modo, com capacidade de escolha, autonomia e saúde. Isto é, com a mente e o corpo sãos.

Talvez o que Vika queira dizer quando afirma sobre os idosos que “velhinho acho que atrasa o mundo. Eu acho que devia ter até uma idade. Até os 90 anos velhinho é aceito, depois velhinho tinha que bater as botas. Porque, depois dos 90 anos, velho só traz estresse. Meu Deus, eu nunca vi...” e que “Não quero sofrer. Não quero ser que nem a minha vó” que não sentia as pernas e usava cadeira de rodas, “eu acho que é muito sofrimento pra família”, significa que não vale a pena ser idoso se não pudermos viver o presente por completo, com a qualidade de vida que a saúde proporciona. Sem saúde não se vive o presente com a mesma intensidade em comparação a alguém saudável ou ao menos não permite que aqueles muito envolvidos com uma pessoa idosa não saudável o façam, em vias do trabalho que têm em manter aquela pessoa necessitada em boas condições. É uma crença fundamentada em sua experiência própria, incidente diretamente em como considera a socialização ideal ou ao menos o suficiente para se poder aproveitar a vida, com atenção aos momentos e elementos cotidianos, para com os pares e com nós mesmos, de modo que possamos regular e eventualmente equilibrar nossa relação com o tempo e, especialmente, com a duração daquilo que venhamos a reconhecer como valioso.

A gente tem que ter um limite pras coisas. Imagina, viver é bom, mas tu não pode viver por séculos (...) Porque isso é contra... contra a existência do ser humano. Porque assim ó, a gente 'tá constantemente evoluindo, 'tá todos os dias tentando ser pessoas melhores, evoluindo em tudo, em todas as áreas, entendeu? E como que tu acha que seria um mundo onde as pessoas não morrem?

A felicidade estaria, assim, justamente no reconhecimento da nossa finitude e da finitude dos momentos, em sabermos aproveitar o que a própria finitude proporciona. A finitude que é já contato, na medida em que o contato só se dá no finito. Tendo o fim uma finalidade, que é justamente o enquanto da presença, um enquanto cuja percepção é limitada, e que devemos nos dispor a isto. Devemos nos dispor a perceber e compreender que a limitação temporal e espacial que vivemos, mesmo quando saudáveis, não é algo a ser compensado pela tecnologia, por

exemplo, mas sim a ser vivenciado. A limitação não é um problema, mas uma solução, não é um obstáculo, mas uma dádiva.

O encontro que se dá sem sua respectiva procura é já a realidade de vivermos a felicidade. A felicidade é a realização do momento cujo potencial já está totalmente atualizado. A felicidade é reconhecermos a potência do momento presente em sua máxima atualidade.

A velocidade de ação/reação a notificações de redes sociais ilustra o fato de que esta diminuta escala de tempo respectiva ao apertar de botões está diretamente relacionada à frequente superficialidade das sensações que se tem em tais tipos de interação social, ao que se incluem sensações espaço-temporais. Com conseqüências ao que Vika acredita ser importante sentir e a como se deve agir diante de tais condições.

Nota-se que a disposição de Vika para agir/reagir à tecnologia móvel dos smartphones influencia suas disposições para crer e para sentir. De modo geral porque as disposições para agir podem ser potencialmente mais influentes que outras disposições, justamente por seu caráter ativo, de tomada de decisão - seja conscientemente ou não - assim como por esta atividade engendrar mais intensidade às incorporações, dada sua carga empírica. E, especificamente, porque a ação acoplada a dispositivos condiciona sua própria transferência a variados contextos e, conseqüentemente, a variados tipos de disposições.

Vika acredita que a felicidade está nas pequenas coisas em parte porque sua relação com a tecnologia, sua prática com a mesma, a desvia das pequenas coisas, a faz perder esses momentos, os quais pretende recuperar, por exemplo, quando em contato com a natureza ou quando consegue deixar de lado seu celular e concentrar-se em si mesma. O que também ocasiona que ela disponha-se a sentir esses momentos, a querer sentir a vida de uma forma que a própria vida, em meio a um mundo tecnológico, não nos proporciona.

5.2 ENZO

Nascido na cidade de Alegrete, Enzo tem 15 anos e mora na zona rural deste município, a 13 km da cidade. Sua mãe é dona de casa e seu pai pecuarista, ambos nascidos neste mesmo município. Está no 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola rural próxima à sua residência.

Enzo utiliza frequentemente dois dispositivos móveis, seu celular e sua caixinha de som, conectada com o celular via bluetooth. De modo que ambos os dispositivos tenham ligação com a internet, portanto com informações externas ao ambiente em que se encontram. O celular o acompanha em mais lugares que a caixinha de som, sendo esta última utilizada mais em sua casa, quando eventualmente sai em viagens a outras cidades ou ao visitar sua tia na cidade de Alegrete, bem como, eventualmente, quando a leva à escola. Possui celular há apenas um ano por motivos financeiros. Já a caixinha de som tem há dois anos. E, quando não podia conectá-la à internet por ainda não ter celular, armazenava nela músicas em formato mp3. Favor exercido por seu irmão, que trabalha em uma loja de informática na cidade.

5.2.1 Acesso à informação

Na medida em que mora na zona rural, Enzo tem acesso restrito à internet. Tanto pelo sinal fraco da rede naquela localidade quanto pela dificuldade em recarregar o celular com créditos – o que só é possível fazê-lo quando vai à cidade – assim como por questões financeiras. Quando possui créditos suficientes conecta-se várias vezes ao dia, embora sempre cuidando para não utilizar demasiadamente os dados que contrata, a fim de que seu pacote dure mais dias. Algo que solucionou parcialmente deletando aplicativos mais pesados para seu smartphone, como Facebook e Instagram. A importância do telefone celular para Enzo está em ter

(...) um acesso melhor... informação. Só o celular faz, né. Informação do que eu quero ser informado... (sobre) qualquer coisa. Porque a televisão só (fornece) aquilo que eles vão lá e pesquisam, né. Tipo, uma outra coisa que eu quero eles não passam. Daí vou lá e pesquiso no telefone mesmo (...) Pra mim a importância é ter um

acesso, né. Tipo... tu quer ligar pra uma pessoa, tem telefone pago. Ou tu quer fazer uma pesquisa.

O que nos remete à relevância das mídias pós-massivas e locativas, em que não há apenas recepção de informação como nas mídias de massa, a exemplo da televisão, há também emissão de informação, em uma reconfiguração da lógica comunicativa própria a estas tecnologias. Há maior liberdade tanto de escolha na recepção de informação, quanto na possibilidade de produzir informação e distribuí-la. Ocorrendo uma modificação tanto no papel das mídias como no modo em que acessamos seus conteúdos.

Notícias e vídeos de música estão entre os usos prediletos de Enzo, além de conversas pelo Whatsapp e jogos.

O telefone é um objeto pequeno, mas tem informações grandes... que tem no bolso as informações. É só ir lá, pegar e pesquisar. Qualquer informação tem ali. É uma boa também. Já a caixinha de som, já tem o livre-arbítrio de tu botar som alto, assim. Porque nos ouvidos ou nele (no celular) não vai sair alto (o volume do som). Aí tu vai lá, bota alto o som, sei lá, fica zoando lá. Também têm essas coisas. Já, do que eu vou arrumar agora no meu computador... eu vou arrumar, que eu tenho que ter dinheiro agora, daí eu vou estar mais nas tecnologias, agora. Eu vou arrumar o computador agora, né. É bom... porque tecnologia, eu gosto de tecnologia. Porque não tenho como acessar muito, né... A tecnologia é boa pra mim.

É evidente nesta passagem tanto a questão da versatilidade respectiva à mobilidade do celular, nos nossos bolsos, quanto no que diz respeito à quantidade de informações acessíveis por ele. Onde acessar é já atualizar-se, estar atualizado em relação a algo que estaria fora do nosso alcance, não fosse a tecnologia. É justamente o que propicia tais alterações, no entrelaçamento entre contextos através de fluxos interativos.

Enzo menciona acima ainda dois dispositivos, um fixo, que é o computador de mesa, e outro móvel, que é a caixinha de som com conexão por bluetooth para com outros dispositivos. Esta última, junto do celular, veio a desempenhar um papel determinante em sua vida. Ao que se inclui, especialmente, uma ajuda na sua dicção. O que, em consequência, veio a destravar várias de suas disposições.

5.2.2 A superação da gagueira

Ao ouvir músicas em sua caixinha de som móvel, por meio do canto Enzo começou a praticar melhor sua dicção, treinando a pronúncia das palavras ao ler letras de música: “A caixinha me fez eu desenvolver do que eu falava, né. Porque eu era muito gago, muito mesmo. Não conseguia falar *nenhuma* palavra”. Uma vez que as letras das músicas são já um discurso pronto, serviu a ele como uma estabilidade na qual pode se apoiar. É um caso claro de transferência, uma vez que a estabilidade informacional da internet via dispositivos serve como catalisadora de atualizações, neste caso a atualização de habilidades de fala mediante a repetição de palavras.

De modo que a posição estável das palavras e frases nas letras das músicas, enquanto uma estabilidade linguística, proporciona que se atualize sua disposição para a ação de enunciar, sua disposição para a fala. Dito de outro modo, o contexto linguístico-musical já pronto, neste sentido já determinado, transfere a Enzo a possibilidade de atualizar sua competência enunciativa, à medida que incorpore uma adequada articulação fonética: “Porque eu sou muito de cantar as músicas. Porque na hora que a gente canta a gente não gagueja. Têm gente que diz, né? 'Gago, pra cantar, não gagueja'”.

Há ainda um nível baixo de gagueira em sua fala, embora em uma intensidade que não atrapalhe sua comunicação. Algo notável pela fluidez em que se deu a entrevista. Mesmo algumas vezes Enzo repetindo sílabas, são palavras inteiras ou expressões que acabam sendo mais recorrentemente repetidas, como podemos perceber em algumas das citações aqui presentes. Principalmente antes de iniciar uma narrativa de duração maior. Talvez este um recurso inconsciente a contornar a gagueira silábica, a qual bem mais nociva à efetividade comunicativa.

O papel da repetição é condicionante em seu caso. Além de repetir letras de música como uma prática fonoaudiológica, a eventual repetição de palavras inteiras, não como uma gagueira, mas como uma preparação para enunciações mais complexas, parece servir como um apoio, uma articulação preliminar à construção de frases com mais elementos, como uma *adaptação disposicional*. Na medida em que o processo de superar sua gagueira ainda está a um passo do sucesso total,

seria o caso de que esta competência esteja ainda em vias de formação. Como bem frisa ele ao dizer que: “Faz o que... faz dois anos que eu tenho ela, né, a caixinha. Faz o que... faz... no meio do ano passado que eu consegui falar direitinho assim. Porque, olha, eu era muito, muito gago”.

Apesar do curto período, ao que parece sua evolução é rápida. O que talvez não ocorresse não fosse o acesso à internet, onde Enzo pode encontrar gêneros variados de música, vídeos e as tão relevantes letras. “É que tem muito é funk, né. Daí eu vou lá no Youtube, é mais no sertanejo, no rap, que eu vou lá e pesquiso essas coisas aí. Eu gosto de cantar rap também. Ou sertanejo, essas coisas”.

Segundo seus relatos, Enzo não é o único na família com dificuldades na fala. Sua mãe também passa por algumas dificuldades neste quesito. Ao que o uso do celular também a auxilia:

(Meu irmão) me diz uma coisa e eu duvido dele. Daí vou lá, pesquiso. Daí não duvido mais (risos). Eu sou muito... duvidoso, assim, né. Daí vou lá e pesquiso pra ver se ele 'tá certo ou não. Ou com a minha mãe também. Que ela não fala meio direito, né. Daí, tô em dúvida, vou lá e pesquiso também. (...) Daí ela não sabe uma palavra, eu também fico em dúvida. Aí vou lá e pesquiso.

Sua apetência por músicas o levou à competência oral, por meio do desenvolvimento da disposição para dizer, isto é, de um *reposicionamento* de disposições variadas que estavam travadas. Algumas suspensas e outras soterradas no terreno de disposições. À medida que teve acesso à internet com seu celular, pode servir a caixinha com o som que lhe agradasse, tendo assim material para treinar e atualizar seu próprio patrimônio disposicional.

Quando muda sua rotina, suas vivências cotidianas, como em ocasiões de viagens ou idas à cidade, Enzo leva sua caixinha de som. Ou seja, quando ocorre alguma vivência diferente, ele leva consigo o dispositivo que propiciou mudanças em quase a totalidade de suas vivências. Em suas palavras, a caixinha de som “mudou minha vida”. É interessante o fato de justamente *quando ocorre uma quebra em sua rotina serem ativadas disposições que foram liberadas quando da quebra da sua rotina anterior*, de dificuldades comunicativas. Nesta brecha, advinda da fratura que incidiu sobre a gagueira, pulverizando-a, Enzo escapa para uma liberdade de ação que antes não tinha. Assim como escapou de uma socialização fracassada, na

época em que o simples ato de falar punha-se como um enorme obstáculo: “Aqui passavam me debochando, aqui no Polo (educacional), da minha gagueira (...) daí eu comecei a falar melhor, entendeu. Me ajudou na minha vida social”.

5.2.3 A caixinha de som e o celular na escola

A superação da gagueira evidentemente melhorou sua vida social. Na escola, costumava levar a caixinha de som e cantar as músicas com os colegas, conformando assim situações sociais cuja reciprocidade apoiava-se nos dispositivos, os quais transferiam ativações disposicionais para a fala, o canto, a dança e atividades lúdicas. Ao conseguir cantar as músicas, Enzo passou a ser visto de outra forma pelos colegas, a ser mais respeitado e por conseguinte a aumentar seu capital social. O que devolveu a ele a autoestima. Ou melhor, conferiu a ele uma autoestima de um modo em que nunca havia vivido, uma vez que era incapaz de se comunicar como pretendia. Dos versos de rap e sertanejo para uma dicção fluente foi, em termos práticos, um salto. Em menos de dois anos ele tornou-se capaz de conversar normalmente e a confiança adquirida foi um fator condicionante.

Já o papel do celular, para Enzo, é diferente no meio escolar, em relação ao papel da caixinha de som. Ele relata que costuma usar o celular sozinho e quando está com amigos o evita. Apesar de o celular proporcionar a conexão com as caixinhas de som e assim aumentar o cardápio musical, o uso propriamente do aparelho de modo mais imersivo é prejudicial para a socialização. Uma vez que distrai as pessoas e dificulta a eficácia comunicativa: “te chamam de abostado, que não presta atenção”. De modo que prefere evitar tais conflitos para “não falarem mal de mim, também, né. Porque quando a gente 'tá mexendo daí as conversas... falam comigo e não escuto ou não dou atenção. (...) Daí eu faço o mínimo pra não fazerem 'falaçada””. Tendo seu irmão também sofrido com o mesmo tipo de críticas: “ele sofreu um montão com o telefone”.

A exceção fica por conta de situações em que todos, ou grande parte, numa roda de amigos, estão no uso dos celulares. Nestes casos, as informações da internet acabam tornando-se combustível para as interações sociais presentes, ao

que Enzo compara o uso do celular quando sozinho com o uso quando cercado de amigos:

Que comigo, eu penso... converso comigo mesmo, né, sobre alguma coisa. Já com os outros, eu vou lá, vejo, daí eu falo pro outro, daí o outro fica debatendo comigo o que eu falei, entendeu? Daí eu puxo a conversa daquilo que eu puxei do telefone. É uma fonte... de informação entre amigos. Que vira uma conversa, um debate.

As caixinhas de som costumam ser mais colaborativas para a coesão social naquele meio, pois proporcionam uma condição interativa em que os jovens se aglomeram em torno para ouvirem as músicas e dançarem. Ou seja, o caráter menos imersivo das caixinhas de som propicia que esta externalidade própria à música confira um caráter empírico mais comunitário, em que a coletividade faz-se valer fortemente.

Quanto à questão disciplinar, tais práticas são permitidas apenas nos intervalos de aula, os quais são mais duradouros e numerosos que na maioria das escolas. Na medida em que a escola de Enzo localiza-se a 13 km da cidade e praticamente todos os alunos que lá estudam residem no meio rural, alguns a até 50 km de distância da escola. As aulas, de segunda a sexta-feira, duram das 9h00 às 15h00, para dar conta da logística de longas viagens até o local, por meio de ônibus escolares da prefeitura de Alegrete. Bem como para proporcionar aos alunos um maior conforto em suas rotinas muitas vezes cansativas: algumas viagens duram cerca de três horas para ir à escola e três horas para retornar para casa, uma vez que as estradas são de chão batido e há muitos trajetos a serem percorridos para se buscar e entregar cada aluno em sua residência.

Quanto aos intervalos durante a aula, há um recreio pela manhã e um intervalo longo para almoço, das 12 às 13h30, que é servido aos alunos no refeitório da escola, normalmente com um menu típico da região. Principalmente neste intervalo mais longo, logo após o almoço, assim como logo após o término da aula, no meio da tarde, são os momentos em que mais ocorrem as interações dos alunos com tecnologias. Ao que é frequente deixarem as caixinhas de som ligadas enquanto conversam ou jogam futebol. Outro costume nestes momentos é o de tirarem fotos e mostrarem publicações em redes sociais uns aos outros.

Em sala de aula é proibido o uso destes aparelhos, apesar de alguns professores fazerem vista grossa. Outros reservam um tempo ao final dos seus períodos, algo em torno de cinco minutos, quando liberam o uso aos alunos. Mesmo assim, muitos deles desobedecem e acabam por conferir mensagens, ouvirem música com fones de ouvido ou distraírem-se com jogos a toda hora. Há alguns professores que recolhem os aparelhos quando a indisciplina ultrapassa o considerado tolerável e os devolvem ao final do dia. Contudo, algo muito diferente do que ocorria até 2017, quando havia outra administração na escola e a política era de proibição total de qualquer tecnologia. O aluno que fosse pego lidando com celular, caixinha de som, fones de ouvido, etc, tinha imediatamente seus aparelhos recolhidos e entregues somente no dia posterior. Sob protesto dos pais a nova administração preferiu por uma política bem mais suave neste quesito. O que, por óbvio, impactou diretamente na socialização dos alunos.

5.2.4 Distração e desvio

Dentre os impactos nas socializações que a presença de dispositivos móveis causa incluem-se aqueles respectivos à atenção e ao enfoque da ação. Há conflitos em voga quando os focos, enquanto vetores interativos, não coincidem. Desde bullying em socializações secundárias, como relatado acima, até situações peculiares no ambiente familiar.

Na pequena propriedade rural em que Enzo vive há uma manutenção diária, em vista da alimentação de animais como vacas, porcos, cavalos, galinhas e cães, bem como por ter de roçar canteiros de hortas e matagais. Estas atividades são como um trabalho em família, executado por seu pai e pelo próprio Enzo, ocasionalmente com a ajuda de seu tio que, quando presente, intensifica os serviços, uma vez que este acréscimo de mão de obra propicia que sejam executadas tarefas mais difíceis, como roçar o mato. “Agora que 'tá meu tio aí, bah... tem que roçar quase todo mato aí. Aí agora não tenho tempo de mexer no telefone”.

Durante estas atividades, Enzo mantém-se desconectado de qualquer tecnologia, à exceção de quando nas imediações de sua casa, de onde pode escutar ao rádio que sua mãe costuma ouvir.

Porque eu chego em casa, agora, aqui. Já que eu moro aqui fora, né. Eu tenho coisa pra mim fazer, tipo dar 'bóia' pros bichos, tirar vaca daí... aí eu faço o serviço de casa primeiro pra depois mexer (no celular). Senão, daí o telefone me atrapalha, quando eu tô mexendo numa coisa, mexendo as duas coisas ao mesmo tempo.

Ao evitar o telefone, Enzo consegue manter a atenção focada e evitar conflitos familiares, uma vez que seu pai não é muito afeito a tecnologias. Tendo pouca paciência quando estas afetam a comunicação, ao que se inclui tanto a lida no campo quanto situações no ambiente propriamente caseiro. “Meu pai não usa muito telefone, que é meio da campanha, né. Daí ele usa mesmo o (celular) de botão, aquele. Que 'tá todo 'estroncho' lá, daí vai lá comprar outro”. Para não desagradar ao seu pai, Enzo mantém-se vigilante ao uso quando da sua presença: “eu tento pegar mais nele (atenção ao pai) do que no telefone... Aí, fica na mão, assim, fico mexendo nele e olhando pra ele (pai). Daí, depois ele vai deitar ou vai ver televisão, daí já fico assim, vidrado (no celular)”.

As situações em casa rendem inclusive momentos cômicos. No que diz respeito aos momentos em que está envolvido com o celular, Enzo relata algumas vezes desconectar-se do ambiente, não lembrar onde deixou objetos e mesmo esquecer-se onde está.

Eu me esqueço 'daonde' que eu tô, quando tô com o telefone. Porque fico ligado, né. Fico... com as outras pessoas eu não posso mexer porque... Tinha uma vez que eu 'tava mexendo, assim, me esqueci, 'tava mexendo ali... daí a mãe ficou tipo uma hora falando comigo: 'Enzo, Enzo, Enzo!'. Fiquei ali, daí do nada ela veio e falou: 'Enzo, tu 'tava dormindo?!' Daí eu falei: 'Tá, já vou, que eu tô mexendo aqui.' Daí segue o telefone na mão, fui ali, busquei uma água... Fui tomando água, na hora (risos), na hora fui ver.. 'E o meu telefone, 'tá onde?' Aí, tomei água, fui lá falar com a mãe, falei: 'Tá onde o telefone, agora?' Fiquei louco procurando... Aí fui ver onde que eu deixei, daí eu botei água na garrafa... Fui ali na geladeira, 'tava ele ali! Deixei o telefone dentro da geladeira! (risos) Se eu me esquecesse, ele ficava congelado! E desse modo que eu me esqueço onde que eu tô, né.

Típica situação em que a incidência do contexto informacional ocasionou uma barreira comunicativa com o contexto presente, modulando a relação espaço-temporal das ações em seus relevos interativos.

5.2.5 Tempo e ambiente

A imersão causada pelo uso do celular mostra-se também proporcional aos recursos funcionais, à complexidade do aparelho, ao que Enzo afirma sentir o tempo passar mais rápido quando encontra-se concentrado no dispositivo.

Do telefone acho que passa mais o tempo, mas com a caixa de som não. (...) Pra mim parece normal que tu bota a caixinha de som lá e fico fazendo... dando volta em casa, fazendo alguma coisa. No telefone eu fico mais vidrado, né. Daí fica uma pessoa chamando e fico só no telefone, assim. Aí tu não sente nada passar. Passa mais rápido, porque tu fica aqui, do nada tu vê que é 4 horas, fica mexendo lá vai ser 5, 4 e meia, por aí.

Principalmente jogos, “vicia muito aquele troço lá” – mas apenas no caso de smartphones. Quanto aos aparelhos mais antigos, que frequentemente os jovens chamam de telefone “de botão”, há tédio e consequente pouco envolvimento: “telefone de botão não tem o que fazer, normalmente”. Devido aos seus poucos recursos funcionais.

A caixinha de som, apesar de muito importante em sua vida, não parece alterar sua relação com escalas de tempo, justamente por ser menos imersiva, apesar de engendrar considerável interação. A imersividade com este dispositivo ocorre mais comumente quando Enzo utiliza concomitantemente o telefone celular, a fim de ler as letras das músicas.

O papel das tecnologias móveis é certamente determinante para a vida social de Enzo, desde a possibilidade de vir a falar normalmente, superando sua gagueira, aumentar a qualidade das suas socializações, bem como trazer a ele questionamentos do papel da tecnologia de um modo geral. A exemplo de quando comenta a respeito de uma reportagem assistida recentemente por ele:

Tipo essas bomba atômica, não sei o que lá, né. Que foi por causa da tecnologia que inventaram esses troços aí, né. Só que eles mostraram o lado bom e o lado ruim, né. Porque dizem que a tecnologia é o começo duma nova era, né. Mas também é a destruição... do que já existe. (...) Essas bombas de coreano, entendeu? Pensei: 'Bah, como isso é possível, de fazer um troço louco desse jeito?' E ficava pensando, assim, do nada. Tipo, a qualquer momento pode se destruir, se uma bomba for explodida, entendeu?

Demonstrando também preocupações ecológicas:

Ah, eu penso a respeito desses venenos aí. Esses venenos 'tão acabando (com tudo) também, né? Esses venenos foram da tecnologia também, eu acho. Ou da ciência, a ciência foi um pouquinho também, que inventaram esses troço aí.

5.3 PHANTON

Phanton tem 15 anos, nascido e residente em Alegrete, assim como seus pais. Está no 1º ano do Ensino Médio e estuda em uma escola no centro da sua cidade. Seu pai é oficial de justiça e sua mãe professora. Ganhou seu primeiro telefone celular com 12 anos, tendo tido 4 aparelhos deste então. Considerando-se alguém reservado, esperto, otimista e atencioso, tem uma relação consideravelmente utilitária com estas tecnologias, com a tendência a utilizá-las mais quando torna-se necessário do que a qualquer momento da sua rotina. Sendo esta sua última característica, o fato de valorizar a atenção a ser dada a outrem, um fator relevante em suas socializações. Ao que produz críticas às interações com alto nível de virtualização, demasiadamente permeadas pelos celulares, quando facilmente as pessoas desviam suas atenções.

5.3.1 O uso de dispositivos móveis na escola

Em sua escola não é permitido o uso de tecnologias durante o período de aulas, embora muitos alunos mesmo assim o façam. A permissão para tal uso se dá apenas nos intervalos e na troca entre períodos. Regras as quais Phanton costuma seguir, mesmo por não sentir necessidade em utilizar o celular.

Acho que só dentro da aula evitar usar, sabe. Mas questão de ter recreio, assim, troca de período, acho que não tem tanto aquela coisa de se impedir mesmo a pessoa de usar, sabe? Daí no momento de aula tu pega e desliga. É, tipo do meu colégio ali, só não usar durante a aula.

Tendo este hábito apenas durante os intervalos e antes ou depois das aulas:

Jogo bastante (videogame no celular) no recreio do colégio porque não tenho tanta gente que eu gosto de conversar no colégio, sabe. Então eu fico jogando ali, né. Mais pra me distrair mesmo. (...) Normalmente quando eu tô indo pro colégio eu vou escutando música. Quando eu volto... Ou é conversando com alguém que 'tá voltando comigo, ou escutando música, sabe. Essa coisa de 'tá ali caminhando e botar música, ficar ali, né.

Os fones de ouvido são utilizados não apenas para diversão, mas também para concentrar-se nos estudos em casa:

Uma coisa que eu faço é estudar ouvindo música. Porque, tipo assim, eu tenho uma concentração boa já, consigo me concentrar bastante, e também sei lá... acho que servia pra não me deixar tão estressado com a matéria que eu tô estudando, sabe. De certa forma é isso.

À exceção de momentos de escape, quando utiliza o celular ou os fones de ouvido em aula:

Acho que depende do nível de concentração, né. Porque, tipo, ah, sabe aquele dia que a pessoa não quer fazer nada? Aquele dia até pego, assim. Mas aí varia bastante. Do dia, da aula também, né. Têm aquelas aulas que são chatas, né. Ninguém aguenta, sabe (risos). Fazer dois períodos seguidos de química! Uns negócio assim, tu acaba não aguentando.

Outra exceção diz respeito a quando é permitido o uso do celular em aula para motivos de estudo, como pesquisas na internet:

Depende se a pessoa 'tá falando a verdade, né. Se a pessoa 'tá realmente ali (prestando atenção à aula) e se não for uma coisa que tenha no livro, que tu possa achar no livro ali, (os professores) acham válido usar, em certa situação. Como foi uma situação que aconteceu comigo, que a professora fez um trabalho envolvendo tal livro de biologia e eu não 'tava com aquele livro. E aí, tipo, o resto do pessoal que 'tava, 'tava usando, sabe. Então eu peguei e falei: 'Posso usar o celular?' Aí a professora autorizou, pra poder pesquisar, já que eu não tinha o material pra fazer.

O que acena para uma sutil e inicial adaptação de uma instituição típica da sociedade disciplinar à cada vez mais presente sociedade de controle.

5.3.2 Presença e interação

Phanton, apesar de considerar o papel relevante da tecnologia em sua vida, como para atualizar-se e jogar videogames, não vê necessidade no uso contínuo do celular. Prefere a vida desconectada, na qual possa variar as atividades e a conversa ao vivo possa ocorrer. Considerando a questão da presença algo fundamental à saúde das interações.

A questão é que, tipo assim, se a pessoa 'tá no celular ela deixa de 'tá presente em questão de raciocínio e conversa, sabe. Nessa questão assim, mesmo psicológica, ela não 'tá presente. Porque ela 'tá concentrada em outra coisa. Ela não 'tá tipo... sei lá, tu não sente que tu 'tá *fazendo presença* pra ela, no caso, sabe? (...) Porque já vi pessoas que deixam de conversar mesmo, pra ficar ali (no celular).

Então, tem aquela coisa da falta de presença da pessoa. Porque a questão de tu ver... não só ver quanto tu sentir a pessoa na tua frente, sabe? (...) tu escutar, ouvir, sentir até o cheiro da pessoa, é diferente.

A perda comunicacional, como um déficit empírico, o incomoda. É um déficit enquanto impossibilidade de reprodução comunicacional da completude da presença humana via mídias sociais. O que conduz mesmo a uma perda de sentido que não só desfavorece a efetividade do dizer, mas que deturpa e perturba as interações sociais.

Porque a questão de tu olhar pra pessoa, tu vê a expressão dela, sabe. Acho que é uma coisa melhor do que tu ver o emoji que a pessoa manda. (...) E uma coisa que aconteceu muito comigo é que às vezes quando eu falo umas coisas com duplo sentido, assim, sabe? Não duplo sentido em questão de ser ofensivo, mas tipo uma pegadinha, assim, um jogo de palavras, sabe. Às vezes eu mando, a pessoa não entende. Porque não tem aquela coisa de tu falar... Porque, assim, ah, tu fala uma piada, tu insinua bem na tua voz a piada. (...) Se tu não insinuar bastante na mensagem, pode ser que a pessoa não entenda.

Phanton acredita que a comunicação ao vivo “é mais completa” e “capta mais o sentido” das palavras, uma vez que através da tecnologia “tu perde a questão de sentido de algumas palavras. Dependendo do modo, a pessoa pode não entender, sabe. Mas, às vezes, até de tu fazer movimento com as mãos enquanto fala, explica mais”.

A comunicação pelos dispositivos, como celulares, por não contar com a presença corpórea, capaz de uma integração entre âmbitos discursivos e não discursivos, retrai-se em outras configurações interativas. Assim como os contextos interativos distendem-se e mesmo chegam a dispersar-se no entrelaçamento virtual da rede, também a comunicação adquire esta forma, de difícil envolvimento, dependendo de como é encarada e, conseqüentemente, experienciada. O relato de comportamentos de grupo ilustra este tipo de situação social:

Tu 'tá num grupo de amigos e 'tá todo mundo usando o celular ali, tipo, pouco se falando, e tu vai ali. A não ser que tu chegue ali e tipo tendo alguma coisa pra tirar eles um pouco (da imersão). Ah, tu é uma pessoa muito engraçada ou tu é uma pessoa que as pessoas gostam muito de conversar, sabe, tem esse efeito de tirar elas do celular, sabe? Mas se tu é uma pessoa tipo eu, no caso, que não chamo muita atenção nesse ponto, eu acabo ficando ali do mesmo jeito.

O “mesmo jeito” é justamente a desconexão em relação ao grupo, este último conectado a outros contextos e situações, fazendo com que a convivência no espaço material se torne mais truncada, permeada por derivações de sentido interativo e assim constituída de alocações de envolvimento críticas. O uso do celular

(...) eu acho que atrapalha de vez em quando. De ter aquela coisa ali de ter uma segunda opção, sabe. De quando o assunto não 'tá muito bom, sabe? Mas aí, como eu disse, várias vezes tem aquela questão de respeito, né. De que tu sabe que a pessoa pode ficar magoada, ou algo do tipo, de tu ficar ali sem dar atenção a uma conversa que a pessoa 'tá gostando ou algo do tipo. (...) Porque, se uma pessoa 'tá na tua frente, conversando com ela, tu não vai puxar o celular e ficar olhando. Acho que é mais uma questão de respeito, sabe. Porque, tipo assim, se tu 'tá desconfortável com a pessoa, pega e sai, né. Não fica ali, no celular.

Vindo a considerar o respeito como um fator de estabilidade interativa, de convergência de interesses na socialização in loco, Phanton busca não imergir no dispositivo. Em conversas, principalmente, procura “não puxar o celular, tipo esquecer do celular, um pouco. É questão social mesmo, sabe. Porque eu acho que é uma questão de respeito, como eu disse antes”. O que incide sobre a transferência de capital social, no que tange a como os indivíduos consideram uns aos outros nestas situações.

Porque tipo, se eu tô na frente de uma pessoa e eu puxo o celular, que nem eu disse, é uma questão de falta de respeito com a pessoa ali, sabe. Eu acho que tu pode ficar mal encarado ou ter uma conversa diferente com a pessoa. Porque, se alguém abrisse o celular, fosse ver o celular na minha frente, eu ia pegar e falar assim: 'Pô, por favor, né? Eu tô aqui na tua frente. Vamos ser mais humanos, um pouco' (risos).

Diante da importância dos telefones celulares para os jovens, Phanton crê que isto varia de pessoa a pessoa, considerando ser comum uma disposição à [re]ação de pegar o celular como uma potente latência, sempre prestes a emergir. No sentido da relação entre o que já se encontra fortemente incorporado, enquanto prática do uso do dispositivo, e contextos mesmo comuns de interação, como uma disposição em intenso contato com o externo e, assim, facilmente ativada.

Acho que depende da pessoa. Porque, tipo, se a pessoa tem aquilo de deixar o celular de lado pra conversar, acho que não faz diferença. Mas se é aquela pessoa que 'tá sempre enfurnada no celular, faz diferença, sabe? Porque às vezes a pessoa pode estar,

tipo, sei lá... às vezes acontece da pessoa chegar e fazer assim (menção de pegar o aparelho), né, com o celular no bolso, por instinto mesmo, sabe. Uma coisa que eu sempre achei engraçada é que tem um estudo, tem um nome lá, né... mas que aponta que as pessoas que usam o celular no bolso, uma coisa assim, às vezes a pessoa imagina a vibração mesmo sem ela acontecer, sabe? E a pessoa faz assim, coloca a mão no bolso, sabe. E tipo, um estudo já apontou isso. Já aconteceu comigo, no caso. Coloquei a mão no bolso, não tem nada (de notificação).

Este é um caso de transferência disposicional entre indivíduo e dispositivo. A função dispositiva de notificar, de trazer à interface do aparelho, por meio de sinais sonoros ou visuais, uma notificação respectiva a alguma mensagem, atualização ou publicação, por exemplo, acaba por condicionar ao posicionamento, desta disposição em reagir, à superfície do patrimônio disposicional. O recorrente ato de pegar o aparelho, ou de responder às suas demandas informacionais, reposiciona aquela disposição a estar em contato intenso com o meio externo, imbricando sua superfície de contato aos contextos variados de socialização, onde com muita frequência o dispositivo móvel está presente.

É, de fato, uma mobilização disposicional por meio da mobilidade dispositiva. Enquanto o acompanhamento desta tecnologia, na multiplicidade de contextos em que os indivíduos se encontram, entalha estas atualizações aos seus modos de agir, influenciando em níveis variados nas interações de que participam. Tendo, na questão da aproximação e distanciamento, em condições sociais tecnologizadas, um aspecto a ser levado em conta.

Assim, tem a parte ruim e a parte boa, como sempre. A parte boa é tu falar com alguém que 'tá muito longe de ti, né, de qualquer forma, mas a questão ruim é aquela coisa de, tipo, mesmo a pessoa estando perto tu procura falar com ela no celular, (ao invés) do que na vida real. Isso eu acho que é uma coisa errada de se fazer.

E complementa suas concepções deste modo de socializar narrando alguns fatos que vivenciou neste sentido. Em um ambiente de prática esportiva:

Eu lembro uma vez que eu... eu pratico paddle, né, eu jogo bastante, e eu lembro que uma vez eu cheguei lá e, 'tá, fui num turno diferente, 'tava recuperando uma aula, e eu vi uma turma ali, que 'tavam jogando, revezando na quadra. Aí, por exemplo, ficava sempre dois ali fora, né. Aí tinha uma dupla sobrando, eles ficaram ali, não conversavam. Saíam, ficavam no celular. Aí voltavam lá pro jogo. Aí saíam, iam pro celular. Eu acho engraçado, mas errado da mesma forma, sabe. Porque ficavam tudo no celular e ninguém se falando.

Na rua:

Ontem eu vim no centro, né. Minha vó precisava de ajuda pra pagar umas contas e eu vim com ela acompanhar. E a gente pegou e parou numa lanchonete que tem ali, né. Uma coisinha que tem ali. Aí a gente pegou, assim... E eu vi que chegou uma senhora com duas crianças e elas carregando aquelas cartinhas de pokémon, aquele negócio. Eu vi que eles começaram a abrir, todos animados, e eu pensei assim: 'Caraca, né, que bom que eles 'tão fazendo isso e não 'tão ali no celular'. Foi o pensamento que eu tive na hora, sabe.

Em família:

O meu irmão (mais novo) tem aquela coisa que ele quer ter um celular porque todo mundo da sala dele tem um, né. Aí, ele falou assim: 'Cara, queria ter um celular, meus amigos todos têm'. E eu falei assim: 'Tu confia em mim?' E ele falou assim: 'Confio'. Então vamos fazer assim, ó: 'Eu ganhei meu celular com 12 anos, vai por mim, tu vai aproveitar bem mais o celular ou tua vida mesmo, se tu ganhar mais tarde. Confia em mim.' Aí ele falou assim: 'Ah, tu ganhou com 12, então ano que vem já faço 10.' Aí eu disse: 'Então ano que vem a gente conversa'.

São aspectos do uso do dispositivo relativos direta ou indiretamente a uma eventual dependência do mesmo, que incidem sobre a adaptação dos âmbitos de alcance interativo no que diz respeito à coletividade, como no que diz respeito à privacidade e publicização da vida. Em que a quantidade de publicações em redes sociais é um exemplo da intensa relação com as tecnologias móveis, que acabam abrindo o espaço privado, fundindo-o ao público.

Aquela questão de quantidade (de publicações) também, não entrar muito no teu espaço privado, sabe. Porque, se tu ficar publicando tudo que tu faz, tu vai perder aquela coisa de ser privada tua vida, sabe. Tu vai mostrar pra todo mundo tua vida, do jeito que ela é. Não tem uma coisa de ser só tua, sabe. É que nem vida de celebridade, todo mundo fica sabendo. Vira uma vida pública. (...) Porque, se tu 'tá postando ali várias coisas, dependendo do que for... do conteúdo também, né. Se tu 'tá ali postando foto em várias festas, assim, se divertindo, pelo menos umas três publicações em festas diferentes, três vezes na semana. Não dá uma situação assim, né? Acho complicado alguém assim, mas tudo bem. A pessoa acaba tendo aquela coisa, de ficar... ela 'tá sempre em festa. Ela acaba expondo que ela 'tá sempre em festa, sabe. Mas ela também expõe o que 'tá acontecendo ali dentro.

5.3.3 Espaço, tempo e memória

Para Phanton, a imersão nas tecnologias desconecta-nos do ambiente em que estamos situados, fazendo-nos perceber a realidade de outro modo ou mesmo simplesmente a não percebê-la.

Me refiro a se desconectar do celular pra olhar o espaço físico, entendeu? Mas, no meu caso, várias vezes eu busco evitar o celular, sabe. Quando vejo que 'tá atrapalhando, assim, quando vejo que tô num lugar que o ideal seria fazer uma atividade física... Ah, sei lá, me convidaram pra ir no clube jogar um futebolzinho, sabe. Aí vou me desligar do celular ali, pra viver aquele momento. Passar aquela coisa, olhar pro gramado nem que seja.

Nesses momentos a conexão com a realidade se dá precisamente através da materialidade corpórea, dos sentidos em imersão na materialidade que nos cerca e não na informatividade computacional enquanto atividade de formas artificiais de interação.

Porque na hora que tu se desliga, assim, das coisas, questão de celular, esse tipo de coisa, se tu olha, assim, tu vê as coisas melhor, sabe? É minha opinião. Porque, tipo assim, eu já vi isso várias vezes. Porque normalmente tu pega um jogo online, né, um jogo assim novo, fala assim: 'Nossa, que gráficos lindos! Que renderização do ambiente!' Mano, se tu quer ver uma coisa assim realista, vai pra fora de casa! Tem tudo ali, é só tu olhar bem. Acho que é uma questão disso, perceber as coisas, sabe?

O contato com o espaço material é, para Phanton, estar mais próximo da realidade, vivendo algo mais “realista”, enquanto uma incorporação do ambiente. Deixando-se penetrar na experiência de se estar em um local, em contato mais com o atual do que com o virtual. Em uma certa mitigação da virtualização por meio da visibilidade do que se encontra já atualizado diante de si. Por meio da atenção ao que já se encontra visível, como visualização e percepção geral corporificada em meio aos efeitos dos contextos sobre a memória e a organização das disposições. Uma forma de se estar mais presente ao invés de conduzido pela inércia informacional.

Se 'tá vidrado com alguma coisa ali, tu vai ficar olhando, sabe. Tipo, lançou série nova, episódio novo de alguma série que tu gosta, que saiu no Netflix, esse tipo de coisa tu vai ficar olhando ali, sabe. Mas, em questão de, num dia comum assim, não tem nada, eu mal mexo sabe. Mas num dia que tem uma coisa nova eu pego e faço maratona, sabe. Esse tipo de coisa.

Justamente a inércia imersiva em um dispositivo como condição para a retroalimentação desta prática, na medida em que a continuidade desta interatividade com o espaço informacional produz uma intensidade de fluxos interativos, que ancora a experiência individual num modo específico de transferência contexto-disposição. No caso das maratonas de séries, com episódios em sequência, forma-se uma condição estética em que a disposição para sentir aquele prazer da novidade torna-se mais ativa, diante de uma narrativa que, por sua própria ficção, fixa a atenção, colaborando para deixar o espectador “vidrado”.

É uma condição em que é possível percebermos a cristalização disposicional como uma iteração, uma repetição de uma mesma adequabilidade contextual ao longo de uma determinada escala de tempo, constituindo fractalidades na medida em que o terreno do patrimônio disposicional adequa-se ao contexto, abrindo brechas à sua própria transformação. Em que a relação entre a intensidade da ativação disposicional e a extensão da virtualidade dispositiva é a condição para um envolvimento com o dispositivo.

“Acho que quanto mais atenção tu dá pra uma coisa, tu tira da outra, sabe? Quanto mais atenção 'tá dando pro celular, menos tu vai se ligar do espaço à tua volta”. O que está diretamente ligado à percepção da passagem do tempo. “Tipo, às vezes parece que o tempo que tu 'tá fazendo alguma coisa não é o mesmo tempo que 'tá no celular, sabe?”

Acenando à diferença entre temporalidade e cronologia, como no contraste entre o tempo vivo e o tempo mensurado, em vista da estabilidade informacional do dispositivo móvel.

É uma coisa que tu percebe uma diferença, que tipo assim, vamos dizer que tu 'tá andando na rua... e 'tá, tu andou bastante, assim, às vezes tu pega o celular e passou cinco minutinhos que tu 'tá andando. E, tipo, acho que tem aquela percepção porque ali o celular é só um numerozinho que fica baixando, sabe. Mas às vezes parece que demora *mais que o tempo* (do relógio) mesmo, sabe, se 'tá fazendo alguma coisa. (...) Às vezes tu 'tá andando e pensa 'cara, devo 'tá andando há uma meia hora'. Ou, às vezes 'tá no centro e tu 'ah, deve ser 5h00, por aí', deve ser tal horário... Às vezes tu tem esse pensamento, né, se tu 'tá fazendo alguma coisa. Mas aí tu pega o celular, assim, e percebe que o tempo passou diferente ali, sabe. Que tua percepção do tempo foi diferente do relógio mesmo, sabe?

Neste caso, a imersão ocorre no espaço material, que acaba contrastado com o tempo objetivado do espaço informacional, evidenciando uma diferença respectiva a ações acopladas e não acopladas. Em vias de uma vicissitude duracional entre a intensidade temporal e a distensão espacial. O que vem a significar distintas densidades na experiência espaço-temporal. “É, de tu sentir o tempo passar, sabe, que tu ali, dependendo da situação, pode ver o tempo passar bem rápido, andando, fazendo alguma coisa, ou tu pode ver o tempo passar devagar, assim, só olhando pro relógio”.

A somar-se a estes aspectos da passagem do tempo, outro fator derivado da entropia é aquele respectivo à complexidade do dispositivo. Um dispositivo com mais recursos tende a envolver mais o indivíduo e a aumentar a taxa de transferência ou atualização disposicional: quanto mais informação há no dispositivo, menos tempo é necessário para causar efeitos no indivíduo.

Como exemplifica Phanton, no que diz respeito à uma das funções do dispositivo:

Porque, tipo assim, vamos dar um exemplo: tu tem dois celulares, um tem a câmera pior que o outro, tu vai sentir mais vontade de fazer alguma coisa com aquele celular que tem uma câmera melhor, sabe. Em questão de melhor captar alguma coisa marcante, sabe?

Complementando com questões mnemônicas, na diferença entre a captação rápida propiciada por uma foto e o tempo/envolvimento dispendido durante uma filmagem. E, em proporção à esta diferença de captação da realidade, o distinto acesso proporcionado por cada uma destas mídias quando do retorno aos arquivos:

Eu acho que é uma coisa que, sei lá, a pessoa acaba deixando de desfrutar mesmo o momento pra ficar ali gravando. Acho que tirar uma foto é mais pra eternizar, sabe. Porque toda vez que tu olhar praquela foto tu vai pensar 'caraca, foi muito massa aquele show!' Mas, se tu ficar gravando, tu vai ficar assim 'ah, que legal, olha aqui'. Aí tu vai pensar... Claro, a pessoa não vai pensar nisso, né. Mas, tem aquela coisa, o tempo que ela perdeu gravando, em vez de ela 'tá ali vivenciando ali, curtindo sabe.

Phanton finaliza sua reflexão pensando sobre as necessidades produzidas pelo ser humano, na medida em que novas tecnologias vão tornando-se disponíveis a nós:

Isso é da evolução humana, porque tipo, se... que nem foi a questão

de roupa, né. Quando a pessoa começou a ter roupa, não passou a precisar de tanto pelo no corpo, sabe. Foi a evolução humana. Então, tipo, se acontecer de a pessoa não precisar lembrar tanto por causa de ter alguma coisa que grava isso, sabe, como o celular ali, que 'tá sempre tirando foto, com o tempo a pessoa vai ter aquela coisa de não precisar tanto ficar recordando, sabe. Acho que influencia, de certa forma.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos retratos sociológicos apresentados, todas as hipóteses deste trabalho foram de algum modo contempladas, em termos de cotejamento empírico, em todos os estudos de caso, com suas devidas variações particulares.

As modulações espaço-temporais e socializadoras; o suporte mnemônico dos dispositivos; a relação entre a intensidade da ativação disposicional e a extensão da virtualidade dispositiva como condição para um envolvimento com o dispositivo; a taxa de transferibilidade disposicional proporcional a estas articulações; o rearranjo da transferência escalar em vistas de uma sociologia à escala individual; a questão de uma emergente articulação entre sociedade de controle e sociedade disciplinar, onde a última vem paulatinamente absorver a primeira; bem como a utilização de fractais como recurso epistemológico, são todos aspectos contemplados direta ou indiretamente pelo sistema de hipóteses e articulados ou ao menos tangenciados suficientemente por todos os casos dos jovens que foram aqui entrevistados.

Em vias do impacto dos dispositivos móveis nas vidas dos indivíduos, podemos considerar, em uma analogia com a transferibilidade disposicional, a conversão de tipos de capital em situações sociais permeadas por estas tecnologias. Na medida em que os dispositivos móveis são dotados de alto capital simbólico, tornam-se capazes de, assim como os agentes, converter não apenas outros capitais, mas disposições de um tipo ao outro, enquanto suportem transferência entre as mesmas, a exemplo de disposições a agir para disposições a sentir. Assim como entre contextos, de uma situação à outra, de um espaço ao outro ou de uma atualidade à outra, por meio de virtualizações interativas.

Diante destas transformações tecnológicas impressas sobre a atualidade, o peso do presente *umenta* em contextos conectados, justamente pela intensidade informacional a que se encontra relacionado, como propriamente uma sincronização intercontextual e interescalar. Assim como o passado torna-se mais aberto, enquanto acessível ao presente em forma de registros, fazendo com que devamos reconsiderar a estrutura da fórmula lahiriana, passando de:

Práticas = Passado incorporado + Contexto presente

Para:

Práticas disponíveis = Passado disposto + Presente incorporável

Na medida em que o passado *disposto* é tanto o que foi incorporado, portanto já posto e, neste sentido, consideravelmente imutável, quanto o que ainda se mantém mutável, pois acessível ao presente por meio de registros. De modo que o presente *incorporável* seja justamente o entrelaçamento de potencialmente vários contextos de incorporação, tanto atuais enquanto presente quanto virtuais enquanto passado, isto é, o entrelaçamento intensificado da presença com a memória. Ou, ao menos, a distensão do contexto material em curso em direção a outras atualidades, através do acoplamento indivíduo-dispositivo.

Quanto às práticas, ao considerarmos aquelas *disponíveis*, sublinhamos os fatores da disponibilidade e da dispositividade sobre as práticas, em vias da considerável modulação que as últimas sofrem, especialmente quando comparadas com situações sociais sem a presença de tecnologias móveis como os smartphones.

Isto tudo se deve ao fato de que a transferibilidade disposicional é proporcional à mobilidade dos contextos e não à reprodução de esquemas pré-determinados cognitivamente.

Contudo, devemos ainda acrescentar que, uma vez que a soma seja uma relação restritiva entre elementos, considerando prioritariamente uma sobreposição de elementos, enquanto seja uma conjunção dos mesmos, seria pertinente a substituímos pela multiplicação, já que esta operação pressupõe uma interação de *produção*, com maior penetração entre os elementos, adequada ontologicamente à efetividade respectiva às incorporações. Pois a relação que mantemos com os contextos não é a de um simples posicionamento neles, como nos daria a ideia de simplesmente estarmos situados neles, ao indivíduo ser *meramente um algo a mais* ao contexto ou o contexto como um elemento a mais ao indivíduo. E sim que nos inserimos nos contextos, transformando-os, concomitantemente aos mesmos penetrarem em nós, na medida em que os incorporemos. Por conseguinte, teríamos a seguinte fórmula:

Práticas disponíveis = Passado disposto x Presente incorporável

Tendo em mente esta atualização da fórmula de Lahire, o crescente impacto das tecnologias móveis sobre os contextos de ação faz-nos atentar ao peso que cada dimensão temporal virá a ter, enquanto virtualidades passadas e futuras, sobre a atualidade do presente e, conseqüentemente, sobre as atualizações das disposições, cada vez mais acopladas a suportes mnemônicos não corpóreos.

Na medida em que a memória conecta passado, presente e futuro, enquanto um acesso desde o presente, a questão em relação a que contextos estaremos expostos, e qual será a dinâmica de formação e transformação dos patrimônios disposicionais, emerge desde o momento em que consideramos que o suporte mnemônico é já uma transferência informacional entre as dimensões do tempo e que esta articulação dimensional vem a constituir a topologia da realidade social.

Outro modo de considerarmos isto é levar em conta que o passado, enquanto efetivação, estruturação material extensiva, em produção com as tendências inerentes à virtualização de contextos presentes conectados, compõe uma realidade social que pode ser representada ontologicamente do seguinte modo:

$$\text{Real} = \text{Atual} \times \text{Virtual}$$

O atual como matéria, portanto extensão do real, é a massa que o compõe, cabendo ao virtual as forças intensivas que agem sobre a matéria. Especialmente no caso tecnológico, em que estas forças, de caráter eletromagnético, distribuem-se à velocidade da luz, conferindo ritmos acelerados à realidade. Os quais significam dobraduras potencialmente mais clivadas à sua topologia e, retroativamente, aos patrimônios disposicionais.

Em vista de uma topologia que traga consigo esta intensificação do presente em relação ao passado, embora ainda resguardando considerável peso ao último – principalmente devido ao fato de que a intensificação do presente se dá por meios tecnológicos, portanto inerentemente por um registro mais completo do mesmo – enquanto o passado tende a tornar-se cada vez mais acessível, os condicionamentos e mesmo determinações sociais, neste sentido, guardam analogias entre uma Sociologia Disposicional devidamente atualizada e uma relatividade espaço-temporal, que remete à Teoria da Relatividade, devido aos

condicionamentos recíprocos entre espaço e tempo, proporcionalmente à escala de um contexto determinado.

Em escalas macro, como as cosmológicas, a gravidade é mais poderosa do que as forças eletromagnéticas; isto é, a quantidade de matéria, enquanto espaço, condiciona a passagem do tempo. Já em escalas micro, como as subatômicas, são as forças eletromagnéticas mais poderosas do que a gravidade; é o ritmo do tempo, enquanto entropia crescente, que condiciona a forma do espaço.

Como as escalas sociais encontram-se entre estes dois extremos físicos, vivenciamos a realidade de ambos. Isto significa que, no que diz respeito à escala das nossas ações, em alguns contextos são as extensões espaciais que mais condicionam o tempo e, em outros contextos, são as intensidades temporais que mais condicionam o espaço.

A tecnologia computacional é um exemplo empírico desse fato. Tanto o eletromagnetismo em sua alta frequência temporal, quanto à gravidade em sua baixa frequência espacial, se expressam de modo evidente, respectivamente, nos softwares e hardwares dos dispositivos. Uma vez que os softwares organizam a distribuição e ritmo energético eletromagnético enquanto operação computacional na materialidade dos hardwares.

Assim, ao considerarmos a fórmula einsteiniana:

$$E = m \cdot c^2 \quad (1)$$

onde:

E = energia

m = massa

c^2 = velocidade da luz ao quadrado

Percebemos considerável similaridade às fórmulas aqui propostas:

$$\text{Real} = \text{Atual} \times \text{Virtual} \quad (2)$$

$$\text{Práticas disponíveis} = \text{Passado disposto} \times \text{Presente incorporável} \quad (3)$$

Uma vez que, o real (2) é, enquanto realidade, a própria realidade das práticas disponíveis (3) e estas a energia (1) que move a sociedade. Pois qualquer ação individual ou coletiva pressupõe e é já energia. O atual (2) é o passado disposto (3), como extensão material efetiva, como massa e espaço (1). Enquanto o virtual (2) é o que se dobra como contexto, como presente incorporável (3), ou seja, o ritmo impresso pelo tempo em suas intensidades, velocidades e dimensionalizações (1). No caso da luz, uma velocidade limítrofe no universo.

O que vem a configurar uma formulação ainda mais sintética:

$$\text{Real} = \text{Espaço} \times \text{Tempo}$$

Nesta fórmula, o espaço equivale a todas as extensões materiais respectivas a um contexto determinado, ou seja, a atualidade de todos os entes partícipes de um contexto, tanto agentes quanto objetos ou dispositivos. Enquanto o tempo equivale às intensidades do respectivo contexto, isto é, às virtualidades decorrentes das forças atuantes entre os ritmos das transformações presentes.

Esta aproximação, entre Disposições e Relatividade, traz à tona o alcance das dinâmicas espaço-temporais no que diz respeito às ações e incorporações por parte dos indivíduos, especialmente em contextos tecnologizados. O que também significa modulações ontoepistemológicas que propiciam uma aproximação tanto prática entre Ciências Humanas e Ciências Exatas, por meio da produção e do uso de tecnologias tão sofisticadas como os dispositivos móveis, quanto teórica, constituindo uma via de diálogo entre estas áreas de conhecimento.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? In: _____. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios.** Chapecó: Argos, 2009, p. 25-51.
- AZEVEDO, T.; MARQUES, M. As propriedades fractais da representação cartográfica de linhas: um estudo de caso para o litoral de São Paulo, Brasil. In: **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, n.15, p. 51-61, 2004.
- BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BERGSON, H. **Matéria e memória.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Central Intelligence Agency. **CIA World Factbook.** Disponível em: <http://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>. Acesso em: 08 ago. 2019.
- DELEUZE, G. **Bergsonismo.** São Paulo: Ed. 34, 1999.
- _____. **Diferença e repetição.** Rio de Janeiro: Graal, 1991.
- _____. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: _____. **Conversações.** São Paulo: Ed. 34, 1992, p. 219-226.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- GOFFMAN, E. **Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos.** Petrópolis: Vozes, 2010.
- LAHIRE, B. **O homem plural: os determinantes da ação.** Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. Patrimônios individuais de disposições: para uma Sociologia à escala individual. In: **Sociologia, Problemas e Práticas**, n.49, p. 11-42, 2005.
- _____. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais.** Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LEMONS, A. Cidade e mobilidade: telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. In: **MATRIZES.** v.1, n.1, p. 121-137, 2007.
- LÉVY, P. **O que é o virtual?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2005.

MARR, B. **Big Data: 20 mind-boggling facts everyone must read.** Disponível em: <http://www.forbes.com/sites/bernardmarr/2015/09/30/big-data-20-mind-boggling-facts-everyone-must-read/amp/>. Acesso em: 9 ago. 2019.

PRIGOGINE, I. **O nascimento do tempo.** Lisboa: Edições 70, 1988.

SENNETT, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1974.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

OBRAS CONSULTADAS

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade.** 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- ENGELLAND, C. Absent to those present: the conflict between connectivity and communion. In: SCALAMBRINO, F. (Ed.) **Social epistemology and technology: toward public self-awareness regarding technological mediation.** London: Rowman, 2015.
- GREEN, N. On the move: technology, mobility, and the mediation of social time and space. In: **The Information Society**, n.18, p. 281-292, 2002.
- GRENFELL, M. (Ed.) **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais.** Petrópolis: Vozes, 2018.
- HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T. (Org.) **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.
- HEIDEGGER, M. A questão da técnica. _____. **Ensaios e conferências.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 11-38.
- LAHIRE, B. A fabricação social dos indivíduos: quadros, modalidades, tempos e efeitos de socialização. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.41, n. especial, p. 1393-1404, 2015.
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência.** São Paulo: Ed. 34, 1993.
- MANDELBROT, B. **The fractal geometry of nature.** New York: W. H. Freeman, 1983.
- SWYNGEDOUW, E. Globalisation or 'glocalisation'? Networks, territories and rescaling. In: **Cambridge Review of International Affairs**, v.17, n.1, p. 25-48, 2004.
- TOWNSEND, A. Life in the real-time city: mobile telephones and urban metabolism. In: **Journal of Urban Technology**, v.7, n.2, p. 85-104, 2000.
- TURKLE, S. (Ed.) **The inner history of devices.** Cambridge: MIT Press, 2008.
- VANDENBERGHE, F. (Org.) **Além do habitus: teoria social pós-bourdieuiana.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.